

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

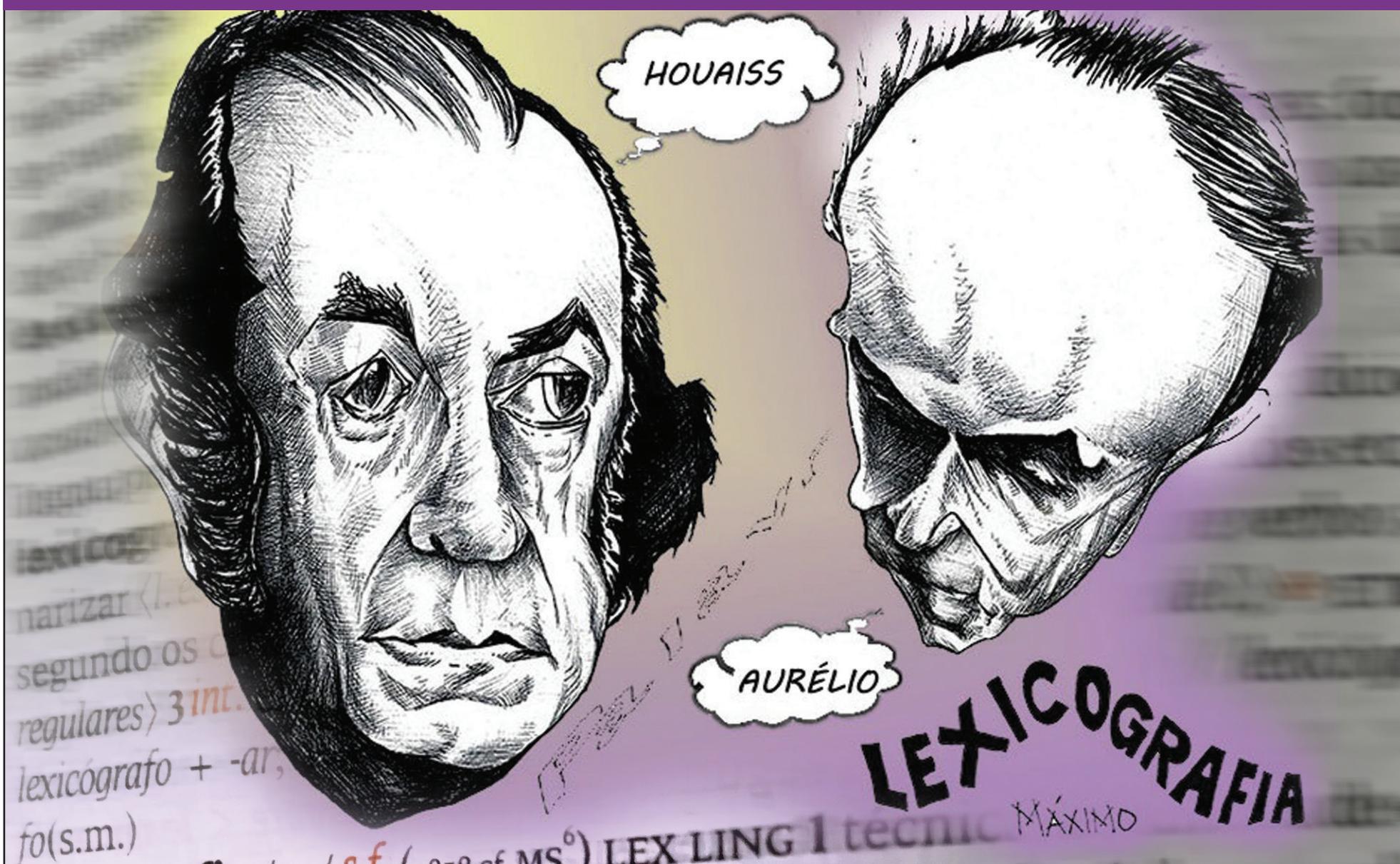
Número:

286

Mês: Dezembro

Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00



lexicografia /cs/ *s.f.* (1858 cf. MS^o) LEX LING I tecnic...
cionários 2 *p.met.* o trabalho de elaboração de dicionários, voca...
lários e afins 3 análise teórica desse trabalho 4 estudo científico
analítico das técnicas de elaboração dos dicionários (p.ex., su...

Na atmosfera das palavras

As novas palavras ou expressões de uma língua surgem da necessidade que temos de nomear algo que passou a fazer parte da nossa realidade ou que nossa inteligência e percepção foram capazes de identificar com mais intensidade. Os nomes técnicos, as palavras sugeridas por cientistas, especialistas, ou aquelas criadas pelo povo, todas têm igual possibilidade de registro. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

lexicográfico /cs/ *adj.* relativo a lexicografia ou...
tudos l.) ◉ ETIM lexicografia + -ico
lexicógrafo /cs/ *s.m.* (1777 cf. IM^o)



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

J Editorial

Um dos trabalhos notáveis da Academia Brasileira de Letras é o que realiza a sua Comissão de Lexicografia e Lexicologia, sob a competente direção do professor e acadêmico Evanildo Bechara. Está em curso o primeiro dicionário de Machado de Assis, com perspectiva de ficar pronto no próximo ano. E também a revisão do *Vocabulário Ortográfico* e do *Vocabulário Onomástico*, este último por mim lançado, pioneiramente, quando tivemos a honra de presidir a Casa de Machado de Assis. É claro que todas essas obras carecem de atualização e o presidente Merval Pereira tem muito bem a consciência do papel exercido pela ABL na cultura brasileira. Daí a valorização que promove da literatura de cordel, o que passou a vigorar também em todos os seus planos de ação. Para alegria de nós todos.

O editor.



No lançamento do livro *Nos 25 Anos da CPLP*, Manoela Ferrari, do **JORNAL DE LETRAS**, com os organizadores da obra Lauro Moreira, presidente do Observatório da Língua Portuguesa, e Rogério Tavares, presidente da Academia Mineira de Letras.

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editadora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

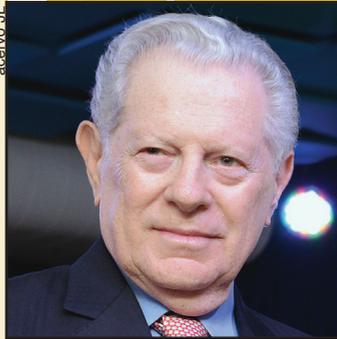
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião

Arnaldo Niskier



O valor literário do cordel

Quem duvida do valor que tem, na cultura brasileira, a apreciada literatura de cordel? A Academia Brasileira de Letras acaba de assinar acordo com o Sebrae/Ceará para desenvolver o gênero na região. É uma iniciativa do acadêmico Gilberto Gil, dentro do que chamamos de economia criativa. Tem merecido o apoio do governador e acadêmico Lúcio Alcântara, presidente da Academia Cearense de Letras.

O que se observa, desde logo, é que há um interesse muito grande de todo o Nordeste pela matéria. Chegou a ser criada, o que foi sem dúvida, uma bela iniciativa, a Academia do Cordel.

Seus frutos podem ser apreciados na Feira Nordestina dentro do Pavilhão de São Cristóvão, onde é muito comum os cantadores, com suas vozes características, chamarem a atenção do público para os seus versos inspirados. Na Academia Carioca de Letras, hoje presidida pelo ator Sérgio Fonta, os cordelistas estão muito bem representados e espera-se que isso se estenda à ABL.

Ao contrário do que muitos pensam, o cordel não foi criado no Brasil. O estilo já existia no período dos povos greco-romanos, fenícios, cartagineses e saxões. Chegou a Portugal e Espanha por volta do século XVI.

No Brasil, veio com os colonizadores, instalando-se na Bahia, mais precisamente em Salvador, que à época era a capital brasileira. Estudos apontam 1893 como o marco da literatura de cordel, quando o paraibano Leandro Gomes de Barros teria publicado os primeiros versos no país. Os folhetos em que eram inseridos pequenos textos corridos e poemas eram chamados de “folhetos de cordel”. Esses folhetos sempre eram vendidos de mão em mão e a baixo custo.

No início do século XX, numa sociedade ainda com poucos meios de comunicação disponíveis, o cordel proliferou por vários estados do Nordeste.

Um grande colecionador do cordel é o escritor e meu amigo Arnaldo Saraiva, da Academia das Ciências de Lisboa, que me recepcionou na cidade portuguesa do Porto, onde vive o grande escritor lusófono.

Como se vê, há razões de sobra para acreditar no futuro da literatura de cordel entre nós.

“De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça.
Mas para crianças um livro é todo um mundo.”

Monteiro Lobato

“A grande literatura é apenas uma linguagem carregada de sentido
até ao mais elevado grau possível.”

Ezra Pound

Em busca de uma terra para chamar de sua – Parte II

Por Antônio Torres*

Lendo agora o romance de estreia da cearense Raquel de Queiroz, entende-se por que ele fez estragos nos espíritos da sua época. *O Quinze* foi publicado em Fortaleza em 1930 e causou sensação pelo drama que descreve: o embate entre o homem e a natureza no trágico destino de um povo assolado pela grande seca de 1915, que estava longe de ser a última.

Numa prosa simples, viva, comovente, Rachel tece o seu relato em duas linhas de força: a história de um amor irrealizado da mocinha que lê romances franceses e sonha com o moço rude entregue à faina solitária de salvar o seu gado, e a dramática marcha a pé de um retirante e sua família sonhando em chegar à Amazônia. Nesse cenário inclemente, e num quadro social deplorável, sobreviver até à redenção da chuva é uma questão de sorte.

Oito anos à frente de *O Quinze*, as letras nacionais voltam a se impactar com a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca e a fome.

O título do livro já diz tudo: *Vidas Secas*. Nada mais, nada menos do que a obra-prima do algoano Graciliano Ramos, quem não sabe?

Mas não custa lembrar que se trata da história de um vaqueiro, Fabiano, sua mulher, Sinhá Vitória, seus dois meninos, e Baleia, a cachorra – protagonista da cena que transportada para a tela no igualmente clássico filme do imortal Nelson Pereira do Santos faz a plateia se contorcer nas cadeiras, como pude testemunhar no Cine Paissandu, no largo de mesmo nome, numa tarde de 1963, em Zão Zão Baulo.

A seca, com todos os seus sentidos trágicos para o sertanejo – inclemência, fome, sede, desespero, desterro, morte – levaria Jorge Amado a escrever um épico.

Lembre-mos, pois, de *Seara Vermelha*, romance de 1946, no qual Jorge narra a penosa retirada de camponeses rumo às terras míticas do Sul. Na caminhada, uns morrem de fome, outros de doença. Poucos concluem a jornada.

E não se pode evocar esse ciclo tão poderoso das letras nacionais sem a devida reverência a José Lins do Rego, autor de outra obra-prima do romance nordestino, *Fogo Morto*, contundente visão do processo de mudanças sociais e econômicas do Nordeste, inserido pela crítica como parte essencial da segunda fase do modernismo brasileiro.

Vozes que seguem:

Se eu morrer nasce outro – assim falava o capitão Corisco, na voz do ator Othon Bastos, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o filme icônico de Glauber Rocha, aquele que dizia que no sertão a gente bebe uma selvagem metafísica. Quando Glauber falava sertão, dizia Nordeste. Um Nordeste perto de Guimarães Rosa, à beira da Rio-Bahia, de onde ele viera, e que atendia pelo nome de Vitória da Conquista.

Se eu morrer nasce João Ubaldo, poderia dizer Jorge Amado, ele que nunca negou fogo aos que iam surgindo, tendo um dia aberto as suas portas para um jovem candidato a escritor chamado Itamar Vieira Júnior, como rememora hoje o bem-sucedido autor de *Torto Arado*, salve ele! Assim como o autor de *Viva o Povo Brasileiro* poderia dizer: Se eu morrer nasce Aramis Ribeiro Costa – romancista de longo curso a ser descoberto, do qual destaco o recente *As Meninas do Coronel* –, e Aleilton Fonseca – o de Nhô Guimarães e *O Pêndulo de Euclides*, este, um relato de uma viagem a Canudos em busca dos sentidos ocultos de uma aventura trágica e épica, em que o sertão despertou e foi silenciado, recolhendo de seus habitantes a matéria viva que comprovará que a guerra tida e havida como do fim do mundo não é um assunto exaurido, como de resto o Nordeste no imaginário contemporâneo, acrescento. Outros romancistas baianos dignos de nota ao correr das teclas deste narrador que vos fala: Franklin Carvalho, que, em 2016, ganhou o Prêmio Sesc com o seu romance *Céus e Terra*, vencedor também do Prêmio São Paulo de Literatura na Categoria Estreante com mais de 40 anos, e que o levou à Primavera Literária e ao Salão do Livro de Paris; e Luís Pimentel, o de *Danação*, que se destaca pela sua densidade psicológica e texto ágil, cadenciado, expressivo, danado... de bom! E Rita Santana, e Adelice Souza, e mais e mais.

O mundo se acaba, mas o Nordeste não se rende – costuma-se dizer no Ceará, de onde vêm novas e portentosas vozes nas letras como as de Ana Miranda, Tercia Montenegro, Socorro Acioli, Ronaldo Correia de Brito, o que tem feito do Nordeste a paisagem através da qual ele interpreta o mundo, o globalizado.

Do Rio Grande do Norte, a voz que vai mais longe é a do querido confrade João Almino, seguramente um dos nomes mais importantes da literatura brasileira contemporânea, aclamado por títulos como *Ideias onde Passar o Fim do Mundo*; *As Cinco Estações do Amor*; *Entre Facas, Algodão*; e o recentíssimo *Homem de Papel*, em que ele ressuscita um personagem de Machado de Assis, o Conselheiro Aires, deslocado do Catete e Botafogo pelas mãos de uma jovem diplomata para viver numa Brasília invadida por antas, esse animal tipicamente nacional.

“Uma das coisas mais difíceis na ficção é construir uma voz convincente – um

narrador ou uma narradora que, mais que contar uma história, é a melhor parte da história que conta. José Luiz Passos faz isso com perfeição.” Quem o diz: Felipe Charbel, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Segundo Caderno de *O Globo* de 24 de setembro passado. O motivo dessa citação aqui: José Luiz Passos é pernambucano, tal qual o muito premiado nacionalmente Raimundo Carrero que, na leitura de um dos membros desta Casa, Ignácio de Loyola Brandão, “leva a escrita ao paroxismo”. Autor de títulos que descem bem aos ouvidos deste seu leitor – *O Amor Não Tem Bons Sentimentos*; *Somos Pedras que se Consomem*; *O Delicado Abismo da Loucura* –, Carrero tem se destacado também como um formador de escritores. Das suas oficinas literárias, saiu Marcelino Freire, um pernambucano hoje muito atuante no Sudeste, a partir de São Paulo.

Na Paraíba, vamos encontrar uma missionária católica dedicada à educação popular para crianças e adultos. O que a levou a percorrer sertões e periferias, trilhando os redutos mais pobres. Seu nome: Maria Valéria Rezende. Nascida em Santos, ela correu terras estrangeiras, viveu no interior pernambucano, até radicar-se em João Pessoa, onde lidera o coletivo Mulherio das Letras. Sua trajetória contribuiu para torná-la uma de nossas escritoras mais relevantes, aqui e agora, que estreou em 2001 com o impactante *Vasto Mundo*. Um mundo inteiro que a freira Maria Valéria Rezende carregava dentro de si de tanto perguntar e ouvir em suas itinerâncias. Outra que lá na terra de José Américo de Almeida merece flores é Marília Arnaud, a romancista de *O Pássaro Secreto*; *Liturgia do Fim*; *Suíte do Silêncio*, e que figura no livro *30 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira*, organizado pelo senhor escritor (mineiro) Luiz Ruffato.

O menor dos estados nordestinos não é menos mapeável nesse roteiro de personagens em busca de uma terra para chamar de sua. Pois é sobre migrações internas e operariado urbano que trata *Os Corumbas*, de 1933, cujo cenário é um Nordeste já na era industrial. O seu autor, Amando Fontes, também nasceu em Santos, de pais sergipanos, e para Sergipe foi levado aos 5 anos de idade, vindo a ter o seu lugar na história do romance nordestino.

Contemporaneamente, o nome sergipano de maior destaque nas páginas nacionais é Francisco J. C. Dantas, autor de *Coivara da Memória*; *Os Desvalidos*; *Cartilha do Silêncio*, e vencedor do Prêmio Internacional da União Latina. Fiel à realidade e à cultura nordestinas, e sempre buscando uma junção entre o popular e o erudito, sua obra tem sido recebida como um engenho de imaginação e linguagem.

Das terras de Amando Fontes e Francisco Dantas – para nos atermos aos romancistas – vem a voz encantadora de Tina Correia, a autora de *Essa Menina*, de *Paris a Paripiranga*, no qual ela mescla realidade e fantasia, poesia e drama, tendo ao fundo a força da cultura popular nordestina.

Deixei o Maranhão por último não apenas por ele estar lá arriba, no extremo do Nordeste.

É por ser o estado que representa bem a acolhida dos nordestinos nesta Casa de Machado de Assis, desde a sua fundação.

Vejamos:

Cadeira 2 – Fundador: Coelho Neto.

Cadeira 4 – Fundador: Aluizio Azevedo.

Cadeira 15 – Patrono: Gonçalves Dias.

Cadeira 18 – Patrono: João Francisco Lisboa.

Cadeira 21 – Patrono: Joaquim Serra.

Cadeira 29 – Fundador: Artur Azevedo.

Cadeira 36 – Patrono: Teófilo Dias.

Todos maranhenses, assim como o decano José Sarney, e sem esquecermos Odylo Costa, filho, Josué Montelo, Ferreira Gullar.

Na atualidade, o poeta Salgado Maranhão é a voz de lá que mais se tem feito ouvir por aqui.

Passando ao largo das palmeiras onde cantam os sabiás, novíssimas aves protestam por serem constantemente silenciadas; reivindicam o seu protagonismo; gritam pela liberdade de ampliar as suas vozes. Pela escrita. Foi exatamente o que acabei de ouvir do professor Google, ao me mostrar um livro intitulado *Vozes Nordestinas*, terceiro de uma série que começa com *Vozes Negras* e segue com *Vozes Trans*. Em *Vozes Nordestinas*, estão reunidas 4 histórias de personagens “em busca de seus sonhos e de se verem representados”. A publicação é de uma editora chamada Se Liga, de Niterói. Num release em que fala de resistência, ela diz que o seu objetivo “é ampliar a voz de escritores de uma região rica e constantemente silenciada e esquecida na nossa literatura contemporânea”. E provoca: “Quantas histórias escritas e protagonizadas por pessoas nordestinas você já leu? Quanto de cultura nordestina você conhece? Quantas vezes encontrou livros e produtos feitos por nordestinos que não fossem classificados como regionais?”

Perguntas, e as vozes que as fazem, sempre nutriram as páginas do romancista que vos fala. Como as que ouço agora de um encontro casual entre uma tia e um sobrinho, na mesma praça onde um dia chegaram as vozes de todo o país, vindas do Rio de Janeiro ô, Rio de Janeiro ah, Rio de Janeiro terra boa de morá/ São Paulo dá café, Minas dá leite, e a Vila Isabel... Todos sabemos o que dá.

Atia: — Mô fio, você é aquele que mora naquelas terras tão loooooooooooooonnnnnge...

O sobrinho: — Sou eu, sim, tia.

A tia: — Mô fio, venha mais para peeeeeeeeeeeeeeeeeerrrrrrto.

Para aquela inesquecível tia, alguém, com muita saudade, dedica-lhe...

Música: Lamento sertanejo/ por Gilberto Gil.

*Em conferência de abertura do ciclo Vozes do Nordeste, realizado na Academia Brasileira de Letras nos dias 13, 20 e 27 de outubro de 2022.

● **TRADUZIDO** para mais de 25 idiomas, *Geografia da Fome*, um clássico fundador dos estudos sobre a fome, de Josué de Castro, ganhou nova edição pela Ed. Todavia, com texto de apresentação de Milton Santos e prefácio de Silvio Almeida.

● **ARTIGOS** DO antropólogo Claude Levi-Strauss, reunidos em *Somos Todos Canibais* pela Editora 34, revelam abordagens inusitadas sobre assuntos que vão de indígenas brasileiros a Papai Noel.

● **É UM SUCESSO** de vendas a nova edição do livro *Bom Dia, Verônica* (Companhia das Letras), de Ilana Casoy e Raphael Montes. O título é considerado um marco da literatura policial brasileira, com mais de cem mil exemplares vendidos e uma adaptação pela Netflix.

● **ENTRE O CÉU E O SAL** (Ed. Nacional), de Everton Behenck, apresenta uma narrativa distópica que mescla elementos reais com ficção. A capa foi elaborada por inteligência artificial.

● **FINALISTA** DO Prêmio Sesc de Literatura, *Fevereiro* (Ed. Ventania), de Olga Mello, apresenta 15 histórias sobre jornalistas.

● **EM TENCENT & MA HUATENG** (Ed. Batel), a autora Leng Hu mostra a trajetória da magnata da tecnologia chinesa Ma Huateng, eleito pela revista *Time* como uma das pessoas mais influentes do mundo.

● **CINCO ANOS** após sua morte, no recém-lançado *Educação Natural*, Edson Migraciolo organiza as memórias póstumas do escritor gaúcho João Gilberto Noll. Em 70 anos de vida e 40 de carreira, Noll venceu seis Prêmios Jabutis.

● **NA OBRA** *Feminismo em Disputa* (Ed. Boitempo), as pesquisadoras Beatriz Della Costa, Camila Rocha e Esther Solano apresentam uma minuciosa pesquisa feita com mulheres de vários espectros sociais e ideológicos.

● **EM UMA** mistura de ficção científica e análise teórica, *2041* (traduzido por Isadora Sinay para a Globo Livros), obra de Kai-Fu Lee, fundador da Google China, e Chen Qiufan entregam ao leitor dez contos com reflexões sobre as tecnologias.

● **UMA DAS** ensaístas mais reconhecidas da literatura contemporânea, Joan Didion compartilha uma viagem que ela e seu marido, John Dunne, fizeram por estados americanos, nos anos 1970, resultando na obra *Sul & Oeste* (Ed. Harper Collins).

● **MULHER DE PALAVRA: ENCANTADA, MAL DITA, BEM DITA** (Ed. Paraquedas) é o terceiro livro da escritora, psicanalista e jornalista paranaense Eliane de Christo. A obra costura diversas vivências pessoais e autores de referência, como Clarice Lispector e Manoel de Barros.

● **A ANTROPÓLOGA** e jornalista Helena Celestino apresenta a trajetória e o envelhecimento de oito ativistas, do exílio em 1968 às manifestações de 2018, no recém-lançado livro-reportagem *Envelhecer é para as Fortes* (Ed. Record).

● **EM Ao Brasil, com Amor** (Ed. Autêntica), os jornalistas Jamil Chade e Juliana Monteiro trocam correspondências escritas entre setembro de 2021 e julho de 2022, às vésperas das eleições brasileiras.

● **MILHARES DE PEQUENAS SANIDADES**, de Adam Gopnik, publicado pela Alta Cult, com tradução de Jana Araújo, apresenta uma defesa do conceito de liberalismo para as novas gerações.

● **NO LIVRO Sagaz: Encontre seu foco e mude sua vida em 12 minutos por dia** (Ed. Principium), uma das maiores autoridades mundiais na ciência do foco, Amishi Jha, apresenta as técnicas mais modernas e eficazes de treinamento cognitivo.

● **A OBRA** *Escritoras Silenciadas* (Ed. Macabéa) mostra como algumas autoras importantes em sua época (na passagem do século XIX para o XX) sofreram com o apagamento sistemático de suas obras. Editado em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional, o livro é fruto da pesquisa da professora Anna Faedrich.

● **EM ROOSEVELT E LINDBERGH: AQUELES DIAS RAIVOSOS**, obra de Lynne Olson, publicada pela Globo Livros, acompanha o presidente Franklin Roosevelt e o aviator Charles Lindbergh durante os acontecimentos entre 1939 e 1941.

VERÃO: TEMPO DE FESTIVAIS



● **A EDITORA** 100 cabeças lançou *A Religião do Capital*, de Paul Lafargue, (1842-1911), autor de *O Direito à Preguiça*, com tradução de Alexandre Barbosa de Souza.

● **BEST-SELLER** do *New York Times*, o romance *Amanhã, Amanhã e Ainda Outro Amanhã* (Ed. Rocco), de Gabrielle Zevin, explora a potência das grandes parcerias profissionais no universo dos games. A obra está em processo de adaptação para o cinema pelo Paramount Studios.

● **DEPOIS** DE 55 anos da publicação, *Ópera dos Mortos*, de Autran Dourado, selecionado pela Unesco para integrar a coleção de obras representativas da literatura universal, tem nova edição pela Harper Collins com prefácio de Itamar Vieira Júnior.

● **VENCEDORA** DO Pulitzer de Ficção por *A Visita Cruel do Tempo*, Jennifer Egan retomou vários personagens secundários desse best-seller em *A Casa de Doce*, recém-lançado pela Intrínseca. O novo livro retrata a busca de autenticidade e sentido, num mundo altamente tecnológico.

● **MISTURANDO ARTE**, narrativa e literatura, a obra de Shakespeare ganhou nova perspectiva nos traços do artista italiano Lorenzo Mattotti, que lançou a história de *Romeu e Julieta* em quadinhos. No Brasil, saiu pela Ed. Conrad, com tradução de Cassius Medauar.

● **O PASSAGEIRO** (Editora DBA), livro de Ulrich Alexander Boschwitz, acompanha a saga de um negociante judeu que tenta de diferentes maneiras escapar do pesadelo do fascismo.

● **EM O GPS da Vida** (Ed. Best Seller), livro de estreia de Paulo Madjarof Julio, o numerólogo das estrelas lança um guia que ensina os princípios da técnica pitagórica, possibilitando ao leitor poderá montar seu próprio mapa numerológico.

● **É TUDO UMA QUESTÃO DE DESEQUILÍBRIO** (Ed. Gente), de Diogo Franco, traz dicas de produtividade, gestão de tempo e relacionamento interpessoal.

● **COM BASE** em dezenas de estudos e uma pesquisa inédita, Daniel H. Pink desmascara o mito de que uma vida sem arrependimentos é a que vale a pena, em *O Poder de se Arrepender: Como avaliar o passado para seguir adiante*, publicado pela Objetiva com tradução de Paulo Geiger.

● **CONSIDERADA** uma das principais autoras de fantasia e ficção científica da atualidade, N.K. Jemisin, primeira autora negra a vencer a categoria principal do Prêmio Hugo, finalizou sua trilogia de estreia – *Legado* – com o lançamento do último volume: *O Reino dos Deuses* (Galera Record).

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Substituição ruim

“No treino, ao invés de o jogador previamente escalado, colocaram outro no ataque.”

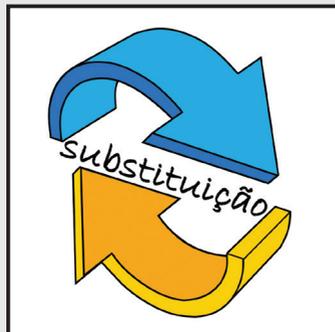
Não deu certo! A expressão “ao invés de” está mal empregada.

Observe:

“ao invés de” significa ao contrário, mostra uma situação oposta;

“em vez de” quer dizer, no lugar de – é uma substituição.

Período correto: “No treino, **em vez de** o jogador previamente escalado, colocaram outro no ataque.”



Parada inesperada

“A paralisação do transporte público atrapalhou as vendas no mercadinho.”

As vendas não melhorarão, escrevendo dessa forma.

O substantivo paralisação deriva do verbo paralisar por sufixação (tema **paralisa** + sufixo **ção**). Existe uma regra simplicíssima quanto à ocorrência de **isou** de **iz** antes da terminação infinitiva em – **ar**.

Os verbos terminados em **isar** derivam de nomes (substantivos ou adjetivos) cuja sílaba final apresenta **s**: **análise**-analisar, **aviso**-avisar, **improviso**-improvisar. Portanto, **parálise** (paralísia)-paralisar.

Os verbos terminados em **izar** (sufixo verbal que indica ideia de assemelhar, conformar, converter, tornar) derivam de nomes cuja sílaba final não apresenta **s**: **legal**-legalizar, **álcool**-alcoolizar.

Principais exceções (principalmente por razões etimológicas): **catequese**-catequizar, **síntese**-sintetizar, **hipnose**-hipnotizar.

Frase correta: “A **paralisação** do transporte público atrapalhou as vendas no mercadinho.”

Viajante do espaço

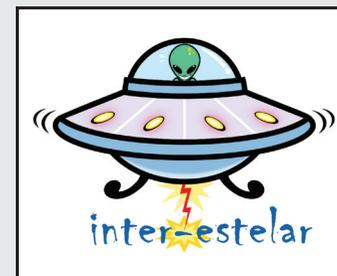
“William queria uma nave inter-estelar de presente de aniversário.”

Não será atendido. Veja:

Quando o prefixo termina por **consoante**, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por **vogal**.

Ex.: **superaquecimento**, **interessudantil**, etc.

Frase correta: “William queria uma nave **interessudar** de presente de aniversário.”



Contando o tempo

“A cerca de 4 anos Isac conheceu a esposa e, desde então, vive feliz.”

Será????

Ele está empregando de forma errônea a expressão. O correto, nesse caso, é a expressão **há cerca de**. Veja:

A cerca de – espaço aproximado de tempo (**que ainda não passou**) ou **distância** aproximada.

Há cerca de – espaço aproximado de tempo (**que já passou**) ou **quantidade** aproximada.

Período correto: “**Há cerca de** 4 anos Isac conheceu a esposa e, desde então, vive feliz.”

Círculo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:

— “Quem me dera que fosse aquela loura estrela, Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

— “Pudesse eu copiar o transparente lume, Que, da grega coluna à gótica janela, Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”

Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

— “Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela Claridade imortal, que toda a luz resume:

Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— “Pesa-me esta brilhante auréola de nume... Enfara-me esta azul e desmedida umbela... Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”

Machado de Assis (Ocidentais, in *Poesias Completas*, 1901.)

Navegar é preciso

Por Celso Niskier*

Chegou ao fim, no último dia 5 de novembro, a 4ª Delegação ABMES Internacional – Portugal Experience. Após dois anos de espera e muita expectativa, as missões internacionais da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior finalmente puderam ser retomadas. E tudo o que vivenciamos, aprendemos e compartilhamos não cabe em um único texto. Provavelmente, nem um livro inteiro seria suficiente para detalhar o que foi a experiência de mergulhar por dez dias no universo da educação superior portuguesa, bem como na cultura e nas belezas daquele país.

Mas aqui estamos novamente. Do lado de cá do Atlântico. Animados com tudo o que vivemos, mas, sobretudo, com o que há de vir daqui para a frente. Afinal, muito mais do que lembranças, nossas bagagens voltaram recheadas de resultados. Resultados esses que motivaram a nossa ida a terras lusitanas e para os quais trabalhamos intensamente não apenas durante os dias em que lá estivemos, mas, principalmente, antes de a jornada ter seu início.

Nossos primeiros passos foram dados na cidade do Porto. Lá, visitamos o Instituto Politécnico do Porto (P. Porto) e a Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário (CESPU), focada na área da Saúde. Assinamos acordos de cooperação com ambas as instituições, sendo acordos “guarda-chuva”, a partir dos quais as Instituições de Ensino Superior (IES) poderão criar termos aditivos individuais para atender a seus interesses específicos.

Em Aveiro, tivemos a oportunidade de conhecer a universidade mais inovadora de Portugal, a Universidade de Aveiro (UA). Fomos apresentados aos principais projetos desenvolvidos pela instituição, às soluções desenvolvidas e ao Parque de Inovação, que abriga diversas *startups* e projetos, especialmente associados à sustentabilidade e outras áreas de grande impacto na sociedade. Ainda em Aveiro, a delegação visitou as instalações do Altice Labs, que, há mais 70 anos, promove desenvolvimento tecnológico com a intenção de melhorar a vida das pessoas e contribuir para a melhoria da sociedade.

Já em Lisboa, visitamos a Universidade Lusófona, que, inclusive, possui uma unidade no Brasil. Para facilitar ainda mais a aproximação entre a instituição e as IES brasileiras, também ali foi firmado um acordo de cooperação. Já na Universidade

Lusíada, condecoramos o chanceler da instituição, João Redondo, com grau de Oficial da Ordem do Mérito ABMES da Educação Superior e assinamos um acordo de cooperação com a Associação Portuguesa de Ensino Superior Privado (APESP).

Ainda na capital portuguesa, conhecemos a Universidade de Lisboa, maior instituição de educação superior do país com 58 mil estudantes, sendo 3 mil brasileiros, onde também firmamos um acordo de cooperação. Ali fomos recebidos pelo reitor Luís Manuel dos Anjos Ferreira e pelo secretário de Estado do Ensino Superior de Portugal, Pedro Nuno Teixeira.

Dessa forma, concluímos a missão com um incrível jantar de encerramento no Forte da Crismina, construído em 1762; e cinco novos termos de cooperação pactuados com o objetivo de facilitar a internacionalização das instituições brasileiras. Assim havia sido na Rússia, em Israel, na China e, agora, portas foram abertas para as nossas IES também em Portugal.

É por isso que não queremos, não podemos e não vamos parar. Há muito o que conhecer, o que aprender e o que compartilhar com um mundo cada vez mais conectado e disruptivo. A 4ª Delegação ABMES Internacional chegou ao fim, mas o projeto segue a todo vapor. A 5ª Delegação já está no forno e cheira a *maple syrup*. Que venha o Canadá!

*Celso Niskier é diretor presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e reitor do Centro Universitário UniCarioca.



Embaixador do Brasil em Portugal, Raimundo Carreiro, recebe a 4ª Delegação Internacional da ABMES em sua residência oficial, em Lisboa.

Para minha prima, Eugênia

Por Gabriel Chalita*

Prezada prima, peço que compreenda o meu afastamento já que não compreendo o afastamento da sua razão. Ao contrário do que você diz, não sou radical. Sou radicalizado no território sagrado que conquistei com dor.

Eu não estou entre a direita e a esquerda, entre este ou aquele candidato. Eu estou entre o que me desrespeita a alma e agride minha gente e o que representa um sopro de esperança e de liberdade em território tão arrasado.

Prima, eu, como você, sou nordestino. Nascemos no interior das Alagoas. Pobre, vi minha mãe, sua tia, maltratada por um médico e sonhei ser médico. As pessoas riam de mim. E eu, graças a Deus, ao meu esforço e ao Prouni, me fiz médico.

Sou gay, prima. Ao contrário do que seu pai costumava dizer, eu não escolhi ser gay. Eu não sou promíscuo, por ser gay. Sou um homem que ama e que construiu uma família, uma história de amor. E não adiantou meu irmão, que você bem conhece, me espancar a infância inteira para que eu falasse como homem. Meu irmão, aliás, como você, gosta de dizer que o “mito” veio para salvar o Brasil da pouca vergonha. Seria eu um espécime da pouca vergonha?

Você se diz religiosa. Eu não entendo um religioso que acalma os dizeres toscos de um homem que vocifera contra os diferentes. Que tem a arma como símbolo, arma que mata a vida. A sagrada vida que nós, religiosos, tanto respeitamos. E não é só isso. Um religioso compreende o conceito da compaixão. Ele não derramou uma lágrima sequer por um morto dessa terrível pandemia. Não agradeceu ao nosso trabalho, aos médicos, aos enfermeiros. Não visitou nenhum hospital. Do jetski e das motocicletas, zombou e zomba da nossa dor.

Perdoe, prima, mas ficou difícil nossa convivência. “Prefiro um filho morto a um filho gay”, você acha que frases assim não têm consequências? Os negros não são pesados em arrobos, prima. Ter uma filha mulher não é sinal de fraquejada. O nordeste não é ignorante. Há gente passando fome no Brasil, sim.

Pois bem, se os discursos incorretos não te convencem, imaginei que você pudesse refletir sobre o seu governo. Em que área ele foi bem? Ele brigou com o mundo todo. Ele destruiu pontes com países antes parceiros do Brasil. Ele fez pouco de qualquer política de responsabilidade ambiental. Durante o seu governo, jamais reajustou o valor da merenda escolar. Educação não é prioridade para ele. E na cultura, insultou os artistas, mentiu sobre as leis de incentivo, tentando destruir uma área tão essencial à nossa identidade.

Quer mais, prima? Pra quê? Você me disse que ele pode estar todo errado, mas que, pelo menos, ele defende a família. Qual família? A dele? Você passa o dia repassando vídeos mentirosos sobre política. Eu passo o dia atendendo os pobres no hospital e amando aliviar a dor das pessoas com o meu ofício. Ficamos muito diferentes para continuarmos a conviver. Saudades da minha tia, sua mãe, cheia de sabedoria e de bondade. Se você fizer o esforço na memória, vai se lembrar que ela tinha horror a ele, achava monstruoso o que dizia e a violência que incitava.

Sou brasileiro, nordestino, gay e cultivador das palavras e dos gestos de amor. Olho nos olhos dos meus irmãos de humanidade e respeito a todos. Só não respeito o desrespeito. Só não amo o desamor. Só não abraço os braços fechados do ódio ou da indiferença. E assim prossigo, prima, esperando por um tempo melhor. E tenho fé em Deus que vai chegar. E, nesse tempo, tenha a certeza, pessoas como você também serão incluídas. Longe de mim lutar por muros. Quero o meu Brasil verde, amarelo, azul, branco e de todas as cores de volta. Sem mentiras. Sem perversidades.

Vou visitar minha mãe, semana que vem, em Palmeira dos Índios. Mulher forte que cumpre o destino do escritor sobre os sertanejos. Mulher que me amou desde sempre do jeito que eu sou. Seu caráter talhou minha liberdade e cimentou o piso que piso com a firmeza de prosseguir fazendo o bem.

Fique em paz.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Ossos

Por Raquel Naveira*

No laboratório de nossa escola, havia um esqueleto. Ele ficava bem na frente, pendurado por uma haste de metal, com seu sorriso irônico, seu ar pensativo de quem já penetrou o segredo do além. Enquanto o professor de Ciências dava aula sobre a clorofila das plantas, ele balançava levemente como se fosse, a qualquer momento, acenar com seus dedos descarnados. Eu me esforçava para pensar que era semelhante a ele e que não era, ao mesmo tempo.

Os ossos são o esqueleto do corpo. São símbolos de firmeza e de força. São o suporte do visível. A estrutura. Representam também a necessidade de ascense diante da brevidade da vida e o acesso à imortalidade.

O crânio é um objeto cênico. A peça Hamlet, de Shakespeare, narra a história trágica do rei da Dinamarca encarregado pelo fantasma de seu pai para vingar seu assassinato. Hamlet o faz, mas somente após o resto da família real ter sido liquidada e ele ter sido ferido com um florete envenenado por Laertes. Há uma cena retratada pelo pintor Eugène Delacroix em que Horácio, amigo de Hamlet, oferece a ele um crânio, diante do qual Hamlet faz a célebre citação: “Ser ou não ser, eis a questão.”

Jerônimo, incansável tradutor da Bíblia, escrevia em pergaminhos feitos com folhas de bananeiras, em sua caverna no deserto, sempre tendo ao seu alcance um crânio, que o fazia lembrar a todo instante a transitoriedade da vida e a corrupção da carne.

Lord Byron, o poeta romântico inglês, usava um crânio como taça de champanhe em cultos satânicos.

Durante a Idade Média, cresceu a veneração às relíquias. Eram consideradas relíquias reais as partes do corpo do mártir ou do santo, como cabelos, sangue, ossos e cinzas, às quais eram prestadas honras religiosas. Os ossos guardavam a virtude dos santos.

Lembro-me do choque ao ler ainda adolescente os versos de Fernando Pessoa em Mensagem: “Sem a loucura, que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria?”. Como isso me marcou fundo: somos caveiras que geram novas caveiras? Essa imagem virou uma obsessão no meu pensamento adolescente.

A polêmica poesia de Augusto dos Anjos, o poeta paraibano pré-modernista, que admiro pelo realismo, está repleta de menções a ossos e caveiras, como nestes versos: “Eu sou aquele que ficou sozinho/ Cantando sobre os ossos do caminho/ A poesia de tudo quanto é morto.”; “E haja só amizade verdadeira/ Duma caveira para outra caveira,/ Do meu sepulcro para o teu sepulcro?”; “Sol brasileiro! Queima-me os destroços!/ Quero assistir, aqui, sem pai que me ame, / De pé, à luz da consciência infame,/ à carbonização dos próprios ossos!” E há até mesmo um soneto dedicado a um Coveiro que termina assim: “Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,/ Porque, infinita como os próprios números,/ a tua conta não acaba mais.”

O épico livro de poemas *Corta a Noite um Gemido*, de Reynaldo Valinho Alvarez, versos trágicos e atuais sobre genocídios, atentados, batalhas urbanas, crimes, chacinas, guerras, massacres, crimes e morticínios. Uma denúncia contundente e dolorosa contra a crueldade humana, contra os ódios e preconceitos. O retrocesso em pleno século XXI. São poemas que nos fazem chorar e que nos libertam. São curativos e sedativos da dor. Expurgos. Entre espanto e horror contemplamos ossos em valas e em versos como estes: “Durmam os déspotas felizes,/ que estão cortados os pescoços/ desses rebeldes aprendizes/ que ao sol aquecem os seus ossos.”; “A tristeza grudou-se em cada pedra ou osso/ que os cães vão farejar, cavando nos escombros.”; “Feridas, contusões e membros amputados/ atestam a eficácia e o valor dessas armas,/ testadas sobre o crânio humilde dos coitados/ que arrastam no planeta os seus sofridos carmas.”

Ezequiel, o profeta, teve a visão de um vale de ossos secos. A mão do Senhor o levou em espírito e o pôs em meio de um vale que estava cheio de ossos secos, sequíssimos. Deus perguntou a Ezequiel: “– Poderão viver estes ossos?” E Ezequiel respondeu: “– Só tu o sabes.” Então, profetizou: “– Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor.” O Espírito de Deus penetrou nos ossos secos e eles reviveram, se juntaram, cada osso a seu osso, formando esqueletos. Os esqueletos se cobriram de nervos, carne, músculos, pele e ergueu-se todo um exército.

Ó Deus! Assopra sobre mim, sobre o monte de ossos que sou, desde o ventre da minha mãe. Estou tão seca e morta. Arranca-me da sepultura, dá-me outra visão desse vale, reverte a situação em que me encontro, muda a estrela da minha sorte. Nem tudo está perdido, eu sei, porque os caídos podem se levantar do chão, do pó. A vida pode ser infundida até em ossos secos, em ressurreição gloriosa. Restaura-me. No interior dos meus ossos, há ainda substancial tutano e creio que tudo é possível.

*Raquel Naveira é membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Nos 25 Anos da CPLP

O livro *Nos 25 Anos da CPLP – Estudos em homenagem a José Aparecido de Oliveira e Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza* (Ed. Del Rey, 2022), organizado por Lauro Moreira e Rogério Faria Tavares, celebra o primeiro quarto de século da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Idealizada para historiar a trajetória da instituição, na intenção de gerar fonte segura de pesquisa e consulta, a obra, dividida em duas partes, reúne artigos de um corpo expressivo de intelectuais, todos comprometidos com a causa do idioma de Camões, Machado e Craveirinha, tais como Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Caio Boschi, Domingos Pereira, Francisco Riberio Telles, Gilvan Muller de Oliveira, Gonçalo Mello Mourão, José Anchieta da Silva, Luís Kandjimbo, Manuel Clarote Lapão,

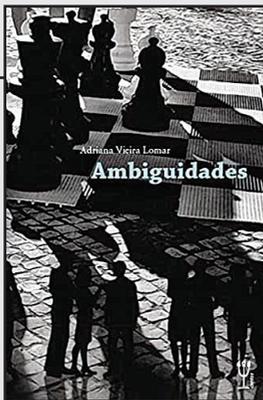
Maria Ângela Carrascalão, Maria do Carmo Trovoada Silveira, Mário Máximo, Murade Murargy e Vera Duarte Pina. Concebida pela Academia Mineira de Letras, a publicação nasceu para inspirar dirigentes e funcionários da CPLP e das instituições que com ela dialogam, para auxiliar professores e estudantes de Direito Internacional e de Relações Internacionais, de História e Geografia, bem como todos os que se interessam pela Língua Portuguesa como patrimônio da humanidade. Diplomata de carreira, Lauro Barbosa Moreira foi o primeiro embaixador do Brasil junto à CPLP. Rogério Faria Tavares é o atual presidente da Academia Mineira de Letras.

AMBIGUIDADES

Ambiguidades (Ed. Penalux, 2022), de Adriana Vieira Lomar, reúne contos que gravitam em torno de universos que a escritora vem trabalhando com sucesso há algum tempo. Um dos eixos temáticos é a relação amorosa entre casais. Em *Odor*, uma mulher relata à filha os pecados e as traições do pai. Em *Morta-viva*, a protagonista cobra do marido suas traições e mentiras. O tempo amarra alguns contos como um véu de angústias e ressentimentos, envolvendo, inclusive, a narradora. O clima de sonho (muitas vezes, de pesadelo) é outro tema recorrente que pode ser encontrado em *Sonho de uma assassina* e *Tromba d'água*, que acompanha os percalços e os desafios de um montanhista.

No prefácio, o escritor, artista gráfico e professor de escrita criativa Elias Fajardo afirma: “Na maioria dos textos, a autora constrói narrativas de impacto, que arremetem sobre a ação ou simplesmente a esvaziam e se esvaem lentamente, como uma folha que se desprende do galho. A presença da poesia não exclui a dramaticidade, pelo contrário, pode realçá-la.”

Adriana Vieira Lomar (1968) é carioca, pós-graduada em Arte, Pensamento e Literatura Contemporânea e em Roteiro para TV, cinema e Novas Mídias pela PUC-Rio. Autora do livro de poemas *Carpintaria de Sonhos* e do romance *Aldeia dos Mortos*, publicado pela Editora Patuá em 2020.



HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA SEM PRECONCEITOS – VOLUME 2

Em *História da Música Popular Brasileira sem Preconceitos – Vol. 2* (Ed. Record, 2022), Rodrigo Faour proporciona ao leitor acesso não apenas aos estilos que a maioria dos estudiosos costumam valorizar – como a chamada “MPB”, o samba e o rock nacional – mas também aos diversos gêneros (e subgêneros).

Nesse volume, há mini capítulos sobre o cancionário do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, além de fenômenos como o punk rock e a vanguarda paulista, e outros, como o pop mais despretensioso, o soul, a disco e a dance music, o forró eletrônico, o funk carioca e o hip-hop.

Sem preconceitos estéticos, a obra mostra todo tipo de artista e estilo musical, destacando suas canções ou atos mais relevantes.

Segundo depoimento de Martinho da Vila, a obra de Faour deve ser lida e relida: “Recomendo que o vol. 1 seja tema de estudos nas escolas e o vol. 2, nas universidades”, elogia.

Pesquisador musical, palestrante, professor, diretor e roteirista de espetáculos, apresentador, produtor e escritor, Rodrigo Faour é graduado em Jornalismo, mestre e doutorando em Letras pela PUC-Rio. Especialista em história da música popular brasileira, possui diversos livros publicados sobre o tema, incluindo *História sexual da MPB* e as biografias de Angela Maria, Dolores Duran, Cauby Peixoto e Claudette Soares.



O PRÍNCIPE MARINHEIRO DO BRASIL

Com um texto cativante, bem documentado e ilustrado, Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança faz jus à história do Brasil, oferecendo aos leitores passagens memoráveis da vida de seu ilustre avô – Dom Augusto de Saxe-Coburgo e Bragança – em *O Príncipe Marinheiro do Brasil – Dom Augusto e a herança de Dom Pedro II* (Linotipo digital).

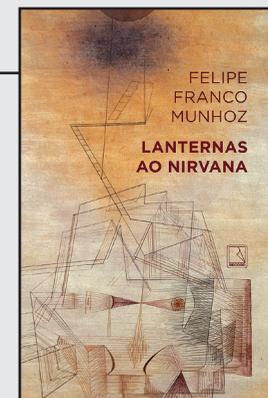
O príncipe, seguindo a sua vocação e amor pelo mar, ingressou na Marinha Austríaca e nela deu continuidade à sua carreira, tomando o cuidado de manter a sua nacionalidade brasileira. Um brasileiro nobre, em ambas as acepções do termo, profundamente patriota, vivendo seu destino com as dificuldades que se lhe impuseram, lutando para cuidar de sua família, se viu obrigado a travar uma luta na Justiça brasileira contra os tios, D. Isabel e Conde d’Eu, para poder ter acesso aos bens deixados por seu avô, que cabiam à sua família por direito de herança. Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança realizou estudos no Colégio Santo Ignácio e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi empresário no Paraná e ocupou importantes funções de mando na Indústria, em São Paulo e no exterior. Foi diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Tem vários livros publicados.



LANTERNAS AO NIRVANA

Lanternas ao nirvana (Editora Record), de Felipe Franco Munhoz, combina poesia e dramaturgia de forma fragmentada. Tem como cenário o mundo pandêmico, entre março de 2020 e janeiro de 2021, cada texto acompanha uma data indicando o dia exato do início de escrita. Foram 312 dias completos de isolamento transformados em narrativas, versos, diálogos, rubricas de cena e diferentes personagens, com as mudanças de perspectiva do autor durante a pandemia. “Até que a noite” [parte de *Lanternas ao nirvana*] não é só um lindo poema, é uma profecia arrepiante”, afirmou o crítico José Castello sobre a obra.

Felipe Franco Munhoz nasceu em São Paulo, em 1990. É autor dos livros *Mentiras* (2016), *Identidades* (2018), e recebeu elogios do escritor Raimundo Carrero – “Grande, belo e corajoso livro. Lições de diálogo” – do poeta e tradutor Paulo Henriques Britto – “Belo trabalho de metaficção”, e do cantor e compositor Caetano Veloso. Um trecho de *Lanternas ao Nirvana* foi adaptado para o curta-metragem *Parêntesis*, dirigido por Natália Lage. Lançado em 2021 no 16º Festival Audiovisual Comunicurtas, em Campina Grande, foi selecionado para ser exibido no CICA Museum, na Coreia do Sul, além de ter sido premiado em festivais de países como Itália, Turquia e Nepal.



A EUFORIA DO CORPO

A Euforia do Corpo (Ed. Patuá, 2022), de Anaximandro Amorim, rompe com quaisquer obviedades, a começar pelo título. O autor elegeu o filósofo francês Jean-Luc Nancy, estudioso de Lacan, como interlocutor, citado em várias epígrafes, inclusive no prólogo: “Nunca há, portanto, um corpo sem outros corpos.”

Costurados com o zelo poético característico de sua trajetória, Anaximandro burila o poema, explorando sons e formas, jogando com o sentido das palavras, formando, com elas, o sustento de sua sofisticada narrativa, como aponta, no prefácio, a doutora em Literatura Renata Bomfim, que destacou o poema *A Pele. O Pelo*: “Esse poema ratifica o movimento ascensional ensejado nos poemas anteriores. A pele e o seu ‘raso’, o pelo, são peças no jogo da sedução e levam o eu poético ao desfrute de um ‘Acalanto doce’, que é ‘remanso’ e ‘abrigo’.”

Anaximandro Amorim nasceu em Vila Velha, em, 1978. É advogado, professor e escritor, formado em Direito e em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Membro da Academia Espírito-santense de Letras, da Academia de Letras de Vila Velha, do Instituto Histórico e Geográfico do ES, da Associação de Professores de Francês do ES, além de outras instituições culturais capixaba. *A Euforia do Corpo* é o décimo livro de sua carreira.



**CORA RÓNAI**

Segunda natureza

Arnaldo Niskier: Hoje, com muita alegria, recebemos a visita da jornalista e escritora Cora Rónai. Ela escreve uma coluna muito apreciada no jornal *O Globo*. Você está feliz sendo colunista de *O Globo*?

Cora Rónai: Acho que já sou colunista do *O Globo* há mais tempo do que não sou colunista do *O Globo*. Estou há muitos anos no *O Globo* que, para mim, já é quase uma segunda natureza, quer dizer, minha coluna é uma segunda natureza para mim. As pessoas me conhecem por causa da minha coluna, conversam comigo por causa da coluna, mas a minha vida inteira sempre escrevi em coluna. Isso é uma coisa curiosa, porque não é um comum muito usual...

Arnaldo Niskier: Começou em Brasília no nosso *Correio Brasiliense*.

Cora Rónai: Isso, eu já escrevia coluna lá. Nem sabia escrever direito naquela época, para falar a verdade. Às vezes olho as coisas que escrevia naquela época e digo: “Meu Deus, como está mal escrito.” Outra coisa que me espanta é como escrevíamos muito naquela época, como o jornal era compacto. Primeiro que a letra era uma coisa desse tamanho, depois a capacidade de prestar atenção das pessoas era muito maior, porque não tinha celular, não tinha internet e as pessoas liam artigos de jornal muito maiores do que hoje.

Arnaldo Niskier: Havia um índice de leitura muito mais acentuado.

Cora Rónai: Acho que havia mais tempo na vida das pessoas a ser preenchido. Então, esperava-se que o jornal te preenchesse duas horas, sei lá quanto tempo do teu tempo diário. Então, uma coluna podia se dar ao luxo de ser enorme, meia página naquela época. Não sei mais como achávamos assunto para escrever uma coluna tão comprida.

Arnaldo Niskier: E você tinha também a influência de seus pais, particularmente do professor Paulo Rónai, que teve o prazer, o privilégio de conhecer, que era um especialista. Ele nasceu na Hungria, mas viveu um tempo na Romênia...

Cora Rónai: Não, ele nunca viveu lá. As pessoas fazem essa confusão, mas ele nunca viveu lá. Mas papai aprendeu português na Hungria, sozinho e graças a isso conseguiu fugir para o Brasil, durante a perseguição nazista. E papai sempre adorou a literatura brasileira

e da língua portuguesa e eu cresci lendo. Nasci numa biblioteca, meu pai tinha aquelas pilhas de livros e isso para mim era uma felicidade, porque tinha tudo que eu queria lá. Era uma criança tímida, continuei sendo uma pessoa tímida ao longo da vida. Digo isso e as pessoas não acreditam, mas é verdade. E eu ficava quieta no meu canto lendo e, se você quisesse me ver feliz, era botar um livro na minha mão e pronto. Eu não precisava de mais nada.

Arnaldo Niskier: Você lia, naturalmente, em português?

Cora Rónai: Li muito em francês. Eu era muito melhor em francês do que sou hoje. Foi uma habilidade que, de certa maneira, perdi, porque não fui praticando tanto ao longo da vida. Adorava ler o *Tan Tan*, *Asterix*. Ficava lendo muito em francês também, mas basicamente lia em português.

Arnaldo Niskier: E seu pai, lá pelas tantas, resolve disputar uma cátedra de língua portuguesa no Colégio Pedro II. Lembro disso. Foi uma disputa, porque tinha outros professores da pesada e o Paulo Rónai foi disputar e teve uma colocação brilhante, porque ele era...

Cora Rónai: Ele disputou a cátedra de francês.

Arnaldo Niskier: Não foi de língua portuguesa?

Cora Rónai: Não. Ele era professor de francês e foi uma disputa que foi para os jornais. Você imagina que mundo era esse em que cátedra no Pedro II era matéria de jornal.

Arnaldo Niskier: Um colégio padrão do Brasil...

Cora Rónai: Não consigo imaginar hoje um concurso de cátedra monopolizando manchete em jornal. Ele foi catedrático de francês, no Pedro II, até se aposentar.

Arnaldo Niskier: Naquela época, em língua portuguesa, tinha o Antenor Nascentes, que era também um fenômeno e também meu amigo, colega da Universidade do Estado da Guanabara na época. Eu tinha muita admiração por esses fenômenos, como era o Antenor Nascentes e o Paulo Rónai, que conheci nas muitas recepções do Abraham Koogan, que era da Editora Delta. Eles eram como irmãos.

Cora Rónai: O primeiro dinheiro que

ganhei, quando era adolescente, foi traduzindo coisas para a Editora Delta. Eles tinham a enciclopédia Delta Larousse, havia vários verbetes a serem traduzidos. Depois havia uma coleção Nobel, eram os livros dos premiados do Nobel, era uma coleção bonita, de capa branca, de luxo, uma bela coleção de livros. Evidentemente eu não traduzia os textos dos autores, mas havia uma série de prefácios, posfácios, discursos e eu traduzi muitas dessas coisas. Claro que meu pai fazia uma revisão criteriosa em cima. O primeiro dinheiro que ganhei foi do Koogan.

Arnaldo Niskier: Você foi muito bem relacionada com Millôr Fernandes. Quando se falava em Millôr se falava em Cora também. Como foi essa relação, Cora?

Cora Rónai: Foi uma coisa curiosa, porque nos vimos e foi um caso instantâneo. Lembro que, quando olhei para os livros do Millôr pela primeira vez, disse: “Gente, é minha alma gêmea.” Tínhamos duas bibliotecas quase iguais, com uma diferença que o Millôr tinha mais livros de desenho e de caricatura do que eu tinha e, naturalmente, mais livros de teatro, porque o Millôr sempre foi muito ligado ao teatro, foi um autor e tradutor de teatro muito atuante.

Arnaldo Niskier: Tinha uma peça chamada *É*.

Cora Rónai: Isso. Foi um grande sucesso dele. Fernanda e Fernando fizeram e ficou anos em cartaz. Mas fiquei tão encantada. Já conhecia, evidentemente, o trabalho do Millôr, adorava o trabalho dele e depois passei a adorar o Millôr. E assim se passaram 30 anos.

Arnaldo Niskier: Ele tinha uma cultura excepcional.

Cora Rónai: Aprendi muita coisa com o Millôr e aprendi, sobretudo, a enxugar o texto. O Millôr era muito rigoroso no escrever. Ele achava que tínhamos que podar todas as palavras desnecessárias, e cada palavra para ele tinha muita importância dentro do texto. Então, passei a ter esse cuidado e confesso que não tinha antes, saía escrevendo. Ele pegava o texto e dizia: “Olhe aqui, você quis dizer isso mesmo? Você não conseguiria dizer isso com menos palavras? Aqui era mesmo alvo que você queria dizer? Não era branco?” Foi sensacional, porque isso mudou realmente minha maneira de escrever, de olhar o texto. Então, as pessoas acham que escrevo com facilidade hoje, não sabem como sofro para escrever. Peguei essa maldição de ter que prestar atenção a cada uma palavra que ponho no papel.

Arnaldo Niskier: O que também é uma paixão pelas palavras. Não se pode deixar de considerar assim.

Cora Rónai: Eu adoro a língua, isso herdei do meu pai. Acho a linguagem uma coisa maravilhosa, acho a capacidade humana da comunicação sensacional. Tenho um prazer enorme com a língua portuguesa, acho que nossa língua é linda e as possibilidades que encontramos dentro dela, escrevendo, são fenomenais.

Arnaldo Niskier: Como nasceu essa paixão do Paulo Rónai pela língua portuguesa?

Cora Rónai: O papai participava de um grupo de amigos, em Budapeste. Todos judeus. O hobby deles era línguas estranhas, exóticas. Um deles pegou uma língua de pescadores do norte da Europa. Quando papai foi ver, não tinha mais muitas línguas exóticas disponíveis, mas, como ele era professor de latim, descobriu o português. Ele aprendeu o português como hobby dentro desse grupo deles que se dedicava a línguas estranhas, exóticas e desconhecidas dos húngaros. Imagine a Hungria pequenininha, no meio da Europa, como estava longe de uma quantidade de idiomas. Quando ele aprendeu o português, se apaixonou pela língua, pelos escritores, brasileiros, sobretudo.

Arnaldo Niskier: Ele chegou a ser amigo de alguns escritores?

Cora Rónai: Na verdade, ele se salvou por ser amigo de escritores. Em 1933, ele publicou uma antologia de poesia brasileira em Budapeste, e essa foi a primeira vez em que se publicou alguma coisa de autor brasileiro na Hungria. Sabe a coisa que me espanta com essa antologia? A visão que o papai teve do que seria bom em literatura. Se você pegar todos os poetas e poema hoje clássicos da língua portuguesa do século passado, eles já estão lá. Isso foi feito em 1933, sem internet, com uma dificuldade de comunicação enorme. Ele ia à embaixada brasileira pedir revistas, livros, o que eles tivessem de material escrito em português.

Arnaldo Niskier: E quais eram os escritores com os quais ele se dava? Lembro que o Pedro Bloch se dava muito bem com ele.

Cora Rónai: Papai era amigo de todo mundo. Minha madrinha foi Cecília Meireles, meu padrinho era Aurélio Buarque de Holanda, o padrinho da minha irmã foi Carlos Drummond. Papai frequentava o *Sabadoyle*, do Doyle, que era amigo do Drummond. Todos os sábados eles se reuniam. Papai era muito amigo do Ribeiro Couto, quem salvou papai foi Ribeiro Couto.

Arnaldo Niskier: Embaixador.

Cora Rónai: Embaixador e escritor, excelente poeta. Quando papai foi preso, ele avisou: “Olha, tem esse tradutor húngaro ali, temos que trazê-lo para o Brasil”. Então, papai recebeu um convite do Brasil e veio e, se não fosse por isso, teria morrido. Foi assim que ele veio, o português, na verdade, salvou a vida dele.

Arnaldo Niskier: Sua mãe conheceu o Paulo Rónai ainda em Budapeste?

Cora Rónai: Não, conheceu aqui. Quando ele chegou aqui, tinha uma noiva em Budapeste, se casou com ela para tentar trazê-la para o Brasil, mas foi assassinada pelos alemães. Depois aqui, uma vez, uma amiga da minha mãe a convidou para passear na Ilha do Governador, naquela época era um lugar aprazível, e foram. Meu pai morava lá, minha avó e minhas tias, que ele conseguiu, no fim da guerra, trazer da Europa, moravam lá. De repente, caiu um tremendo pé d’água e essa amiga da

mamãe, a Judith, disse: “Vamos nos abrigar na casa do Paulinho que mora aqui perto”. Paulinho era meu pai. Então, foram se abrigar da chuva lá na casa da minha avó, minhas tias e meu pai e o resto é história. E, por isso, estou eu aqui, por causa de um pé d’água na Ilha do Governador.

Arnaldo Niskier: Você tem mais de dez livros escritos. Você tem prazer nesse ato de escrever livro?

Cora Rónai: Sou um animal de jornal. Não sei lhe explicar, já deveria... Inclusive, estou devendo para meu editor dois livros. Devo, não nego, mas aquela coisa...

Arnaldo Niskier: Você escreveria sobre o quê?

Cora Rónai: Eu gosto de escrever para jornal, gosto do texto curto, gosto da repercussão imediata, gosto muito dessa dinâmica do texto de jornal e do texto das redes sociais. As pessoas dizem: “Ah, você devia escrever um romance.” Não sei escrever romance, não sou uma pessoa que saiba imaginar situações interessantes. Gosto de observar e de escrever sobre o que observei, gosto de pensar sobre o momento, escrever sobre aquele momento. E gosto muito de ver como as pessoas reagem a isso, como isso se põe no mundo, mas acho que escrever não é necessariamente só livro. Amo livros, vivo cercada de livros.

Arnaldo Niskier: Tem livros do seu pai que ainda estão em cartaz?

Cora Rónai: Sim, muitos. *Como Aprendi o Português* continua sendo publicado.

Arnaldo Niskier: Queria que você contasse um pouco sobre o amor de sua mãe pela natação, que é algo muito forte na vida dela. Sua mãe é um fenômeno. Ela está com quantos anos?

Cora Rónai: Está com 98 e é campeã de natação. Acabou de bater alguns recordes pan-americanos em Medellín, estivemos juntas lá. Mas a mamãe também é escritora. Estudou arquitetura, foi professora de geometria descritiva, mas se revelou ótima escritora com o tempo. Escreveu dois livros de memórias maravilhosos e escreveu umas historinhas para crianças que são muito gostosas. Então, estou cercada de escritores. As pessoas me cobram muito livro, mas é engraçado... Outra coisa da minha prática de jornal que costumamos dizer que jornalista só escreve sob pressão. De verdade, eu só consigo escrever na última hora. Tenho que fechar a coluna e não custaria nada ter uma coluna na gaveta para ter uma reserva, não consigo. É na pressão, naquela hora, meia-noite e tenho que entregar às 9h da manhã. Aí vou correndo para o computador, desesperada. Isso é invariavelmente.

Arnaldo Niskier: Você sempre escreveu no computador ou já foi à mão também?

Cora Rónai: Desde que o computador apareceu, uso computador. Fico até encabulada de dizer isso, mas uso computador desde 1987. Até então, usava máquina de escrever. Cheguei a escrever à mão, mas quando fui tra-

balhar em jornal... Oliveira Bastos era o editor do *Correio Brasiliense*, fui trabalhar e escrevi uma matéria à mão. Levei para ele. Ele disse: “O que é isso?” Eu disse: “Você não pediu para escrever?” Ele disse: “É na máquina.” E foi assim. Entrei totalmente despreparada no jornal, tinha 17 anos naquela época.

Arnaldo Niskier: E você está devendo dois livros aos seus editores.

Cora Rónai: Tenho os assuntos, não tenho os livros.

Arnaldo Niskier: Você falou da mamãe. Ela com 98 anos continua nadando?

Cora Rónai: Continua. Em plena forma e com uma lucidez absolutamente acachapante. Às vezes, converso com ela para saber como sair do buraco, qual o caminho. Em casa, a chamamos de “sábua coruja das *highlanders*”, porque ela morava em Friburgo, que é na montanha, terras altas, então ela é a sábua coruja das *highlanders*. Hoje virou só sábua coruja”. Meus filhos quando tem algum dilema dizem: “Estou precisando falar com a sábua coruja”. Ela vive sozinha de forma ideal, porque mora no apartamento dela, mas o apartamento é no mesmo prédio do apartamento da minha irmã. Então ela vive sozinha, mas bem perto da minha irmã.

Arnaldo Niskier: E o que faz a irmã?

Cora Rónai: É professora de música na Unirio, é flautista e diretora da Orquestra Barroca da Unirio, que é nossa melhor orquestra de música barroca. Tem um trabalho longo e muito consistente com o grupo de música barroca de Versailles, na França. Eles têm uma parceria, os franceses vêm aqui todo ano, trabalham juntos, montam óperas e fazem concertos.

Arnaldo Niskier: Você recebe muita carta? Muita gente lendo sua coluna reage, escrevendo para você?

Cora Rónai: Já recebi mais, hoje em dia a *internet* tomou esse lugar e, sobretudo, redes sociais. Escrevo a coluna, posto o *link* no *Facebook* e tem uma interação enorme com as pessoas. No *Instagram*, um pouco menos, porque não uso muito o *Instagram* para escrever, uso mais para ajudar os meus gatos a dominar o mundo, porque você sabe que a *internet* é a ferramenta com a qual os gatos vão dominar o mundo e o meu *Instagram* tem essa finalidade. Mas no *Facebook* escrevo muito sobre os temas que escrevo na coluna também e lá interajo muito com as pessoas. Escrevi essa semana e tive assim mil comentários numa das coisas, só para você ter uma ideia.

Arnaldo Niskier: Qual era o tema fundamental?

Cora Rónai: Política.

Arnaldo Niskier: O Brasil está muito aceso em matéria de política.

Na atmosfera das palavras

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Conhecer o significado de novas palavras enriquece nosso vocabulário e nos faz mergulhar na atmosfera intelectual em que vivemos. Mais do que isso, contribui para o pleno desenvolvimento da capacidade de comunicação, amplia a compreensão do mundo e nos torna aptos a identificar problemas, buscar soluções e sermos agentes de mudança em prol de uma sociedade mais humana, ética e justa.

As novas palavras ou expressões de uma língua surgem da necessidade que temos de nomear algo que passou a fazer parte da nossa realidade ou que nossa inteligência e percepção foram capazes de identificar com mais intensidade. Os nomes técnicos, as palavras sugeridas por cientistas, especialistas, ou aquelas criadas pelo povo, todas têm igual possibilidade de registro.

Assim, toda criação linguística, culta ou popular, nasce pela vida intelectual e cultural dos povos. Uma nova palavra ou expressão começa a circular nos dicionários quando se incorpora ao léxico culto ou popular de uma língua, atestando a produção ou reprodução (porque às vezes o termo já existia na língua com outro significado) de novidades linguísticas.

Desde outubro de 2020, a Academia Brasileira de Letras apresenta, toda semana, no site da Instituição, no Instagram e no Facebook, uma palavra ou expressão que passou a ter uso corrente na língua portuguesa. Pode ser um neologismo, um empréstimo linguístico ou mesmo um vocábulo que, apesar de já existir há algum tempo na língua, tem sido usado com mais frequência ou com um novo sentido. Trata-se de um trabalho criterioso da Comissão de Lexicografia que, mais recentemente, se ampliou nos propósitos com a Comissão de Lexicografia e Lexicologia. Por lexicografia se entende a arte de fazer um dicionário e por lexicologia a ciência que estuda e descreve o léxico de uma língua.

A Comissão, hoje formada pelos Acadêmicos Evanildo Bechara, Arnaldo Niskier e Domício Proença Filho, tem cumprido a missão do cultivo da língua portuguesa. Os projetos e obras por ela conduzidos – e que são desenvolvidos no Setor de Lexicologia e Lexicografia da Casa – recebem constantes atualizações, mediante os avanços da técnica lexicográfica, fundamentados no aparato teórico da ABL e no que há de mais moderno, tanto no campo da lexicologia quanto no da lexicografia propriamente dita.

O competente setor é formado pela lexicógrafa Shahira Mahmud, chefe de Lexicologia e Lexicografia, pela também lexicógrafa Feiga Fizon e pela analista de conteúdo lexicográfico Cristiane Cardoso. A equipe faz um trabalho constante de pesquisa do uso da língua em textos literários, científicos e jornalísticos, além do estudo de palavras e expressões (no tocante a grafia, timbre, etimologia, aspectos semânticos, abrangência geográfica, nível de uso, classe gramatical, flexões, possíveis variantes, etc.), pesquisa e monitoramento de neologismos e empréstimos linguísticos e redação lexicográfica.

Atualmente, entre os projetos desenvolvidos pelo setor, além da já citada seção “Novas Palavras”, estão o serviço “ABL Responde”, o “Vocabulário ortográfico da língua portuguesa” (Volp) e o *Dicionário da Língua Portuguesa* (DLP-ABL).

ABL RESPONDE

Entre os serviços gratuitos à disposição do público no site da Academia Brasileira de Letras, um dos que fazem mais sucesso é o “ABL Responde”. Através desse recurso, qualquer pessoa pode fazer consultas linguísticas e obter respostas autorizadas a dúvidas sobre fatos, traços e fenômenos do português.

Criado em 2007, o “ABL responde” conta com uma equipe de professores experientes que já responderam a mais de cem mil questionamentos provenientes de todas as regiões do Brasil.

VOLP

A Comissão de Lexicologia e Lexicografia orienta e determina as linhas gerais, a metodologia, as diretrizes formativas do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp), reunindo novos vocábulos colhidos em textos literários, científicos e jornalísticos ou recebidos como sugestão por consultantes do Volp. Assim, é constante o trabalho de atualização da obra, no intuito de oferecer sempre uma edição

aumentada em seu universo lexical e em dia com a evolução da língua, refletindo as mudanças da nossa sociedade.

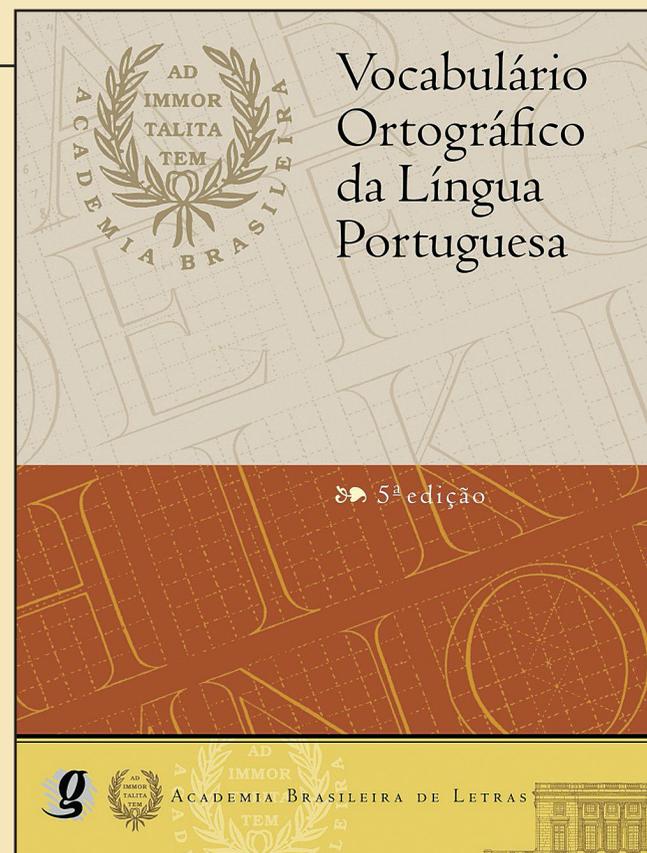
Em julho de 2021, a ABL lançou a 6ª edição do *Volp*, com mais de 382 mil entradas, 1.160 palavras novas, incluindo estrangeirismos, além de correções e informações complementares nos verbetes, como acréscimos de ortoépia, diversas possibilidades de plural e, em alguns casos, para desfazer dúvidas e ambiguidades, a indicação de homonímia, paronímia e significado.

Neste ano, na gestão do presidente Merval Pereira, o *Volp* já recebeu mais 236 novas palavras.

Na Nota Editorial da Comissão, na 6ª edição do *Volp*, foi dado destaque ao compromisso reafirmado: “Neste sentido, continuamos com o propósito de fazer um registro o mais completo possível dos vocábulos de uso comum, além da terminologia técnica e científica, respeitando as Bases do Acordo Ortográfico de 1990.”

Assim, o *Volp*, como obra on-line que faz o registro oficial das palavras da Língua Portuguesa, é constantemente atualizado por especialistas do idioma com base no uso extensivo de corpora e nos avanços da análise e processamento de informações.

No texto de Apresentação da 3ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp), o então presidente da Academia Brasileira de Letras, Prof. Arnaldo Niskier, a 16 de abril de 1999, afirmava: “Estamos vivendo novos tempos na ABL. A sua diretoria, interpretando os anseios do plenário, lançou-se à elaboração deste Vocabulário Ortográfico, para logo depois dedicar-se ao Dicionário da Língua Portuguesa. Todo esse esforço tem por escopo prestar uma efetiva contribuição à defesa e enriquecimento do nosso idioma, obrigação maior da Casa de Machado de Assis, desde suas origens, há mais de 100 anos. Breve virá o Vocabulário Onomástico, determinação da Lei 5.765, que nossa diretoria se apresta a cumprir.” E assim ocorreu.



DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Desde a fundação da Academia Brasileira de Letras, a instituição atribuiu-se como tarefa essencial o cultivo da língua e da literatura nacional. Nesse sentido, a Casa de Machado de Assis tem publicado a sua *Revista*, obras de Acadêmicos, e se empenha em preparar o dicionário da língua, depois de se ter ocupado da organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

Em 2021, o setor de Lexicologia e Lexicografia da ABL deu início à elaboração do *Dicionário da Língua Portuguesa (DLP)*. Disponível exclusivamente no site, a obra on-line materializa um dos principais intentos da Casa de Machado, ao oferecer aos falantes de língua portuguesa conteúdo lexicográfico com acesso amplo e gratuito, em constante aprimoramento e atualização.

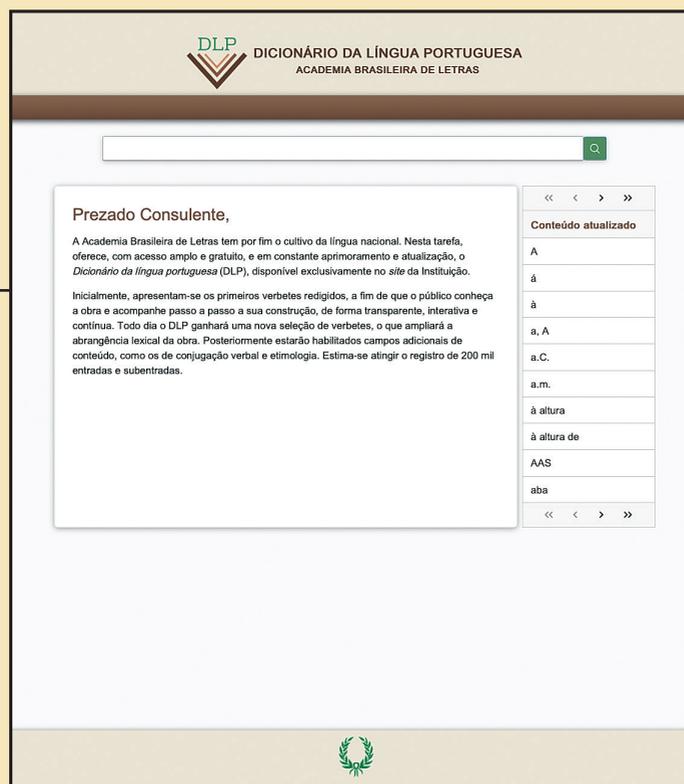
Inicialmente, apresentam-se os primeiros verbetes redigidos, a fim de que o público conheça a obra e acompanhe, passo a passo, a sua construção, de forma transparente, interativa e contínua.

De forma pioneira, o Dicionário é construído sob o olhar dos usuários. A cada dia, uma nova seleção de verbetes é acrescentada. O principal objetivo é oferecer, além da informação precisa e direta – sem excessos que dificultem o entendimento ou uso de sinônimos em lugar da definição linguística –, a estrutura de um autêntico dicionário de língua. Acresce uma generosa e criteriosamente selecionada quantidade de abonações (exemplos de uso de texto literário, jornalístico ou científico), que ajudam a apreender o significado da palavra em cada acepção, esclarecendo o sentido no contexto da língua escrita.

O *DLP* pretende refletir o encontro da língua com a literatura, em vasta abrangência lexical, a par da evolução do idioma. As informações gramaticais (regência, flexão, etc.) seguem a orientação do Acadêmico Evanildo Bechara, assim como os estritos critérios lexicográficos estabelecidos para a obra. As definições partem de exemplos formados pelas obras de nossos escritores e dos mais diversos textos produzidos pela riqueza vocabular dos falantes. O setor conta com a colaboração de uma equipe externa de experientes lexicógrafos que se dedicam à redação da obra.

Em breve, o *DLP* contará com a participação dos usuários. O site abrirá espaço para que o público possa sugerir palavras e significados, a serem avaliados pela equipe de lexicógrafos, no intuito de que a obra venha a acolher, com critério e responsavelmente, diferentes matizes linguísticos e atualizações nas diversas áreas do conhecimento, sobretudo para cobrir as variantes semânticas conforme o melhor emprego do idioma em cada região do país. As entradas do *DLP* também estarão disponíveis na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Em se tratando de projetos futuros, a Comissão examina, entre outras iniciativas, a possibilidade de atualização do *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa (ABL)*, que sempre prestou enorme serviço aos usuários da língua.



Reprodução do site da ABL.



Os acadêmicos Evanildo Bechara, Arnaldo Niskier e Domicio Proença Filho pertencem a Comissão de Lexicografia e Lexicologia da ABL.

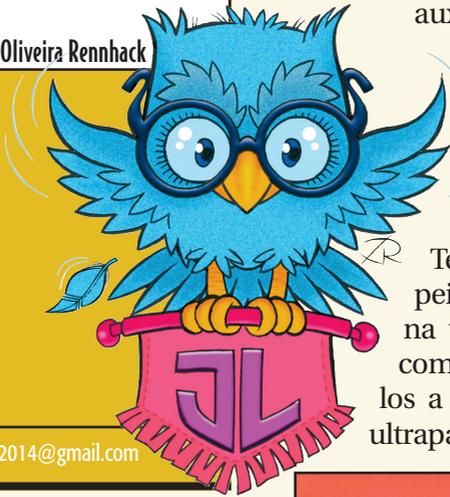


Os acadêmicos com a equipe da Comissão, formada pela lexicógrafa Shahira Mahmud, chefe de Lexicologia e Lexicografia, pela analista de conteúdo lexicográfico Cristiane Cardoso e também a lexicógrafa Feiga Fiszton.

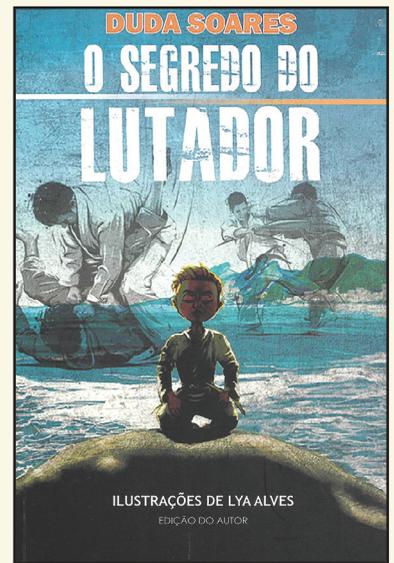
Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Boas histórias e Boas Festas!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

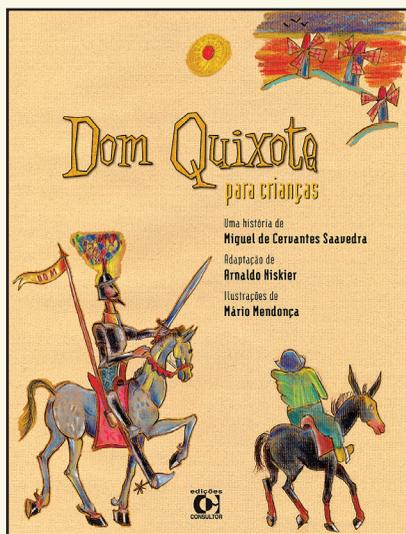


nar à atividade de editora, e, com auxílio de Rachel Rennhack no projeto visual e na diagramação demos vida uma história real, de amizade, companheirismo e superação através do esporte. Ter coragem para cair, respeitar o adversário, ser humilde na vitória e encarar a derrota como um desafio são obstáculos a serem superados e devem ultrapassar os limites do tatame!



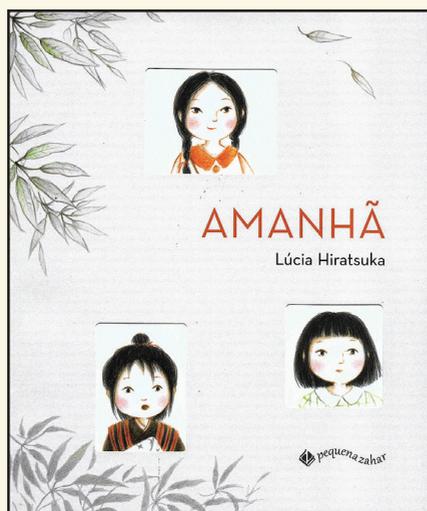
Nossa página, enriquecida com os lançamentos, repleta de boas histórias cheias de esperança, amizade e amor. Que estes belos livros possam ser incluídos nos presentes natalinos dos pequenos.

Boas Festas!

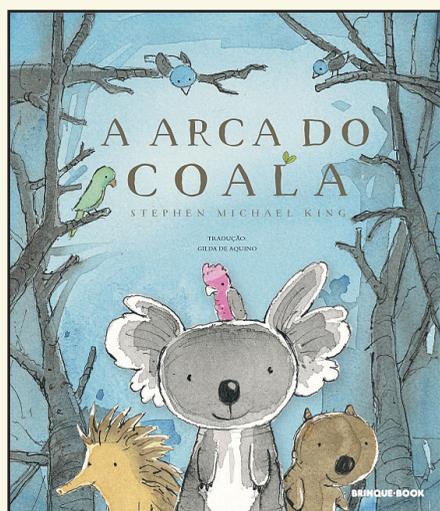


Dom Quixote – A história de Cervantes recontada pelo acadêmico Arnaldo Niskier e belamente ilustrada por Mário Mendonça (Edições Consultor) ganha uma nova edição que realça o projeto gráfico de Isio Ghelman. As lembranças da peça homônima que nos encantou nos tempos da *Manchete* e que inaugurou o Teatro Adolpho Bloch, são reavivadas e nos vemos assistindo Paulo Autran, Bibi Ferreira e Grande Otelo nos papéis principais. *Dom Quixote* nos traz a esperança e a fé nos sonhos dos que lutam por um mundo melhor –, mesmo que sejam difíceis de alcançar!

Amanhã – Texto e imagens de Lúcia Hiratsuka (Pequena Zahar) – A delicadeza do traço de Lúcia nos conduz, suavemente, a três momentos, três gerações, três meninas a caminho da escola. Momentos de dificuldades, obstáculos, mas repletos de esperança e otimismo. Como sempre, a autora nos presenteia com um lindo livro que traz um pouco das memórias de sua família.



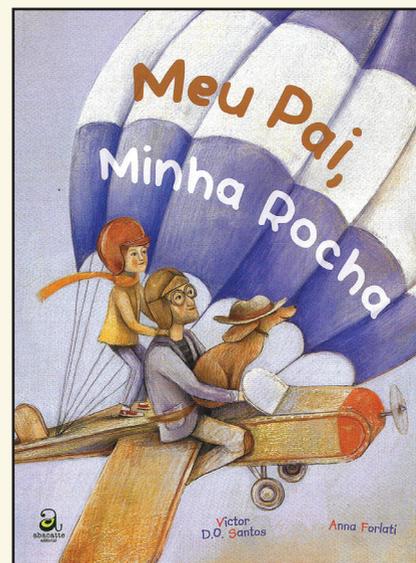
A Arca do Coala – Texto e ilustrações de Stephen Michael King (Brinque-Book) – A solidariedade está presente nessa obra encantadora de Stephen que sempre nos emociona com seus livros (você se lembram de *Três?*). Indignado com incêndios que aconteceram de forma assustadora na Austrália, país onde mora, e com a sorte dos animais que precisavam sair do calor do fogo, o autor cria uma espécie de “arca de Noé” e o Coala sai em busca dos amigos, para resgatá-los.



O Segredo do Lutador – Texto de Duda Soares e ilustrações de Lya Alves (Edição do Autor) – Duda é um amigo querido que me fez retor-

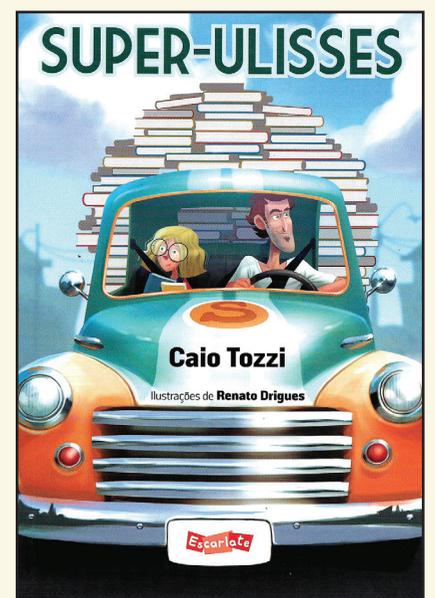


ser o que se é – Pedroca Monteiro e Daniel Kondo (que também ilustrou) criaram quase um livro brinquedo, onde as diferenças, a diversidade, as escolhas são estabelecidas pelos leitores (Companhia das Letrinhas). “Ser o que se é – é ser livre e ser exatamente como você se sente ser” – você pode ser craque no futebol, dançar balé, ser um “crânio” em matemática, um exemplo na ciência, uma grande cantora... você decide. Com a criatividade genial da diagramação com recortes, o livro permite diferentes escolhas e mostra que o respeito às diferenças é fundamental na vida em sociedade. E concluo afirmando que não é preciso usar azul ou rosa, podemos usar as cores do arco-íris, como fizeram os autores!



Meu Pai, Minha Rocha – Vitor D. O. Santos escreveu e Anna Forlati ilustrou (Abacatte) – Às vezes, uma pergunta sutil pode gerar um monte de ideias. Assim nasceu essa história. Por não conhecer o avô, o menino indaga por ele. Mas o pai também não o conheceu... Não há referências ao fato, porém motivado, o menino começa a descrever o pai, apresentando-o ao suposto avô desconhecido. Uma linda declaração de afeto, companheirismo, confiança e orgulho. Tudo isso realçado pelas lindas ilustrações.

Super-Ulisses – Texto de Caio Tozzi e ilustrações de Renato Drigues (Escarlate) – Fiquei pensando, ao terminar a leitura, numa certa proposta de escola sem opinião, ou sem discussão, ou sem partido. Esse livro genial apresenta situações que permitem um amplo debate em sala de aula: o que está acontecendo na cidade? Onde estão os livros? Quem será o responsável? Assim, é possível discutir sobre política sem que se fale em política; discutir sobre valores, sem que eles sejam mencionados; refletir sobre violência, mesmo sem vê-la diretamente. Ótima história, criativa, inteligente, mágica, que me permite afirmar que tudo vai melhorar e que escola é o melhor lugar para debater questões que nos afligem. Obra finalista do Prêmio Jabuti 2022.



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



AIDEN THOMAS

Autor latino-americano de literatura juvenil. Ele é mais conhecido por seu livro *Os Garotos do Cemitério*, um best-seller do *New York Times* que ganhou vários prêmios, incluindo o reconhecimento de melhor do ano da American Library Association, Publishers

Weekly, Barnes and Noble, NPR, e *School Library Journal*. Nasceu em Oakland, na Califórnia, e recebeu seu MFA em Escrita Criativa pelo Mills College. Recebeu seu Master of Fine Arts – em Escrita Criativa pelo Mills College. Nascido na Califórnia, durante sua juventude, costumava ir com frequência ao cemitério de Mountain View, como se fosse sua segunda casa. Como uma pessoa queer e trans de origem latino-americana, defende fortemente a representação diversificada em todas as mídias. Quando não está escrevendo, gosta de explorar o ar livre com seu cachorro, Ronan. Seu gato, Figaro, prefere apoiar seus hobbies em casa, como ler e beber muito café. Thomas se identifica como trans e usa os pronomes *he/him* (equivalente ao masculino em português, ele/dele) e *they/them* (neutro). *Os Garotos do Cemitério* foi publicado em 1º de setembro de 2020 pela Swoon Reads. O livro foi considerado um best-seller pelo *New York Times* e Indie Bound e recebeu críticas estreladas da Publishers Weekly e Booklist. *Lost in the Never Woods* foi publicado em 23 de março de 2021 pela Swoon Reads e é uma releitura de *Peter Pan*. Atualmente, ele mora em Portland, em Oregon.

acervo JL



JANET OPAL ASIMOV

(6 de agosto de 1926 – 25 de fevereiro de 2019) Escritora de ficção científica, psiquiatra e psicanalista estadunidense, conhecida por escrito como J. O. Jeppson, seu nome de solteira. Começou a escrever ficção científica para crianças na década de 1970. Em 1973, casou com Isaac

Asimov, com quem viveu até seu marido morrer em 1992, e ambos escreveram colaborativamente diversos livros de ficção científica para jovens leitores, incluindo a série Norby. Morreu em fevereiro de 2019, aos 92 anos de idade. Romances: *The Second Experiment* (1974) (como J.O. Jeppson); *The Last Immortal* (1980) (uma sequência de *The Second Experiment*) (as J.O. Jeppson); *Mind Transfer* (1988); *The Package in Hyperspace* (1988); *Murder at the Galactic Writers' Society* (1994); *The House Where Isadora Danced* (2009) (como J.O. Jeppson). Crônicas Norby (com Isaac Asimov): *Norby, the Mixed-Up Robot* (1983); *Norby's Other Secret* (1984); *Norby and the Lost Princess* (1985); *Norby and the Invaders* (1985); *Norby and the Queen's Necklace* (1986); *Norby Finds a Villain* (1987); *Norby Down to Earth* (1988); *Norby and Yobo's Great Adventure* (1989); *Norby and the Oldest Dragon* (1990); *Norby and the Court Jester* (1991); *Norby and the Terrified Taxi* (1997), escrito somente por ela após a morte do marido. Coleções: *The Mysterious Cure, and Other Stories of Pshrinkers Anonymous* (1985) (as J.O. Jeppson hardcover, as Janet Asimov paperback); *The Touch: Epidemic of the Millennium*.

acervo JL



STANLEY GRAUMAN WEINBAUM

(Louisville, 4 de abril de 1902 – Milwaukee, 14 de dezembro de 1935) Escritor estadunidense de ficção científica. Sua carreira na ficção científica foi curta, mas influente. Seu primeiro conto, "*Uma Odisseia*

Marciana", foi publicada em julho de 1934, dezoito meses antes de sua morte de câncer no pulmão. Nasceu em Louisville, no Kentucky, em 1902. Era de uma típica família judaica. Frequentou a escola em Milwaukee e foi para o Universidade de Wisconsin-Madison, em Madison. Iniciou seus estudos em Engenharia química, mas depois mudou para o curso de Língua inglesa, mas não se formou e deixou a universidade em 1923. Em 18 de julho de 2008, ganhou o *Prêmio Redescoberta Cordwainer Smith*. Capa da revista *Avon Fantasy Reader* #15 de 1951 com o conto de Weinbaum "A Man, A Maid, and Saturn's Temptation". É mais conhecido em ficção científica por causa da sua obra inovadora, "*Uma Odisseia Marciana*", que apresentou um alienígena simpático, mas decididamente não-humano, "Tweel". O que foi ainda mais notável foi o fato de ter sido sua primeira história de ficção científica. Em 1933 ele tinha vendido um romance, "The Lady Dances", para a King Features Syndicate, que foi publicado nos jornais em uma série em 1934. A versão cinematográfica do conto "The Ultimate Adaptive" foi lançado em 1957 sob o título "*She Devil*". Uma cratera em Marte foi nomeada em sua homenagem. Stanley morreu em 14 de dezembro de 1935, em Milwaukee, aos 33 anos, devido a um câncer de pulmão.

Resgatando Carolina Nabuco

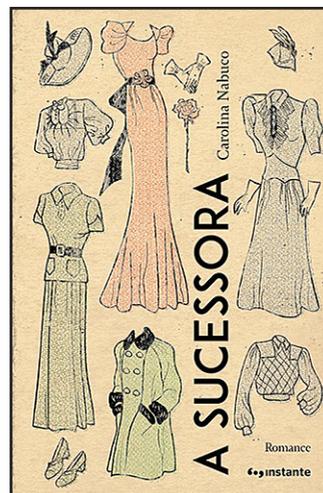
Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Já tive oportunidade de registrar em texto opinião do romancista espanhol Arturo Pérez-Reverte sobre protagonismo feminino em obras de ficção. Disse o festejado autor em entrevista que se pode ler na internet que "*hoje o homem está agotado como limón de paella, ya se ha escrito todo sobre él*". A incisiva afirmação sinaliza um aparente pouco interesse atual por histórias protagonizadas por personagens masculinos: antes, estaríamos ansiosos por personagens femininas – o que soa natural, ante o crescente protagonismo das mulheres em todas as áreas. Seja como for, a constatação de Pérez-Reverte se revela hoje uma tendência editorial mundo afora. Ele mesmo autor de *Rainha do Sul*, em que a protagonista é a chefe do tráfico de drogas de um cartel mexicano, parece saber muito bem do que fala. Das letras ao cinema, inúmeros outros exemplos se colhem.

Em que pese, então, a brilhante performance literária de inúmeras escritoras de destaque, o que sugere Pérez-Reverte é o incremento no uso da personagem feminina, a exemplo do que fez de Anna Karenina e Emma Bovary, personagens universais.

A esse respeito recordemos autora brasileira hoje pouco lembrada, mas de grande importância em seu tempo: Carolina Nabuco, filha do diplomata e acadêmico Joaquim Nabuco, um dos conformadores, juntamente com Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Carolina, nascida no Rio de Janeiro, criada entre Petrópolis e os Estados Unidos, é biógrafa do pai, e teve essa biografia, a sua primeira incursão nas letras, distinguida com o prêmio de Ensaio da Casa de Machado de Assis em 1928. Talvez a discrição da sua vida, não se tendo casado nem tido filhos, dedicando-se integralmente à escrita e à tradução, a tenha mantido longe das vistas do público. Não fosse a relevância da sua obra, de onde se destacam os romances *A Sucessora*, de 1934, e *Chama e Cinzas*, de 1947. Ambos tendo como protagonistas figuras femininas bem construídas.

No primeiro, Carolina conta a história de Marina, moça criada na fazenda que se casa com um viúvo e vê a sua vida assombrada pela onipresente memória da antecessora. No segundo, a história de Nica, uma das filhas de um viúvo falido, que organi-



za noites de carteados na residência da família e acaba se casando com um banqueiro amigo. Em ambos os livros, Carolina Nabuco discute o papel da mulher na sociedade contemporânea à escrita. Ambos inspiraram adaptações televisivas bem-sucedidas.

Para atizar ainda mais o interesse sobre a autora, *A Sucessora* foi envolvido numa celeuma literária que acabou não indo adiante. À época da publicação, Carolina traduziu a obra para o inglês, enviando-o a uma agência literária de Nova York e solicitando que fossem contatados agentes no Reino Unido. Nada aconteceu. Anos depois, lendo o romance *Rebecca*, da inglesa Daphne du Maurier, e enxergando semelhanças entre as duas tramas, indagou do seu agente sobre os contatos na Inglaterra, vindo-lhe resposta negativa. Os fatos repercutiram por aqui. Por ocasião do lançamento no Brasil do filme *Rebecca*, de Alfred Hitchcock, baseado no livro de Maurier, foi procurada para fazer um acordo com os produtores, o que recusou. Sobre o assunto, restaram somente dúvidas.

Ambos os títulos de Nabuco foram relançados pela editora Instante, e certamente a recolocarão na posição que merece dentre as grandes autoras de língua portuguesa.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.



Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

TONI D'AGOSTINHO

Sociólogo formado pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, o cartunista Toni D'Agostinho é também graduado Mestre em Ciências Sociais pela PUC – Pontifícia Universidade Católica, de São Paulo; e formado em dramaturgia e direção teatral pela Fundação das Artes de São Caetano. Seu trabalho como desenhista de humor circulou nos jornais *Valor Econômico*, *O Estado de S. Paulo*, *Metro* e *Folha de S. Paulo*, por este último, foi agraciado com o prêmio internacional *Award of Excellence – Society For News Design*, em 2015.

O artista é o autor do premiado livro *50 Razões para Rir*, da editora Noovha América, obra laureada com o Troféu HQ Mix de melhor publicação de caricaturas, em 2010 – peça gráfica que apresenta uma bela coleção de caricaturas de diversas celebridades como Carmen Miranda, Charlie Chaplin, Cecília Meireles, Chico Xavier, Mário Quintana e outras dezenas de personalidades das artes, filosofia e política, todas finalizadas a nanquim. Em 2013, Toni lançou o interessante livro *Edgar Allan Poe para Pequenos*, pela B4 Editores, que consiste numa adaptação para crianças dos contos de mistério do consagrado autor americano. Quatro anos depois, o escritor e ilustrador exibiu seu talento com o interessante livro *Os Gatos da Santa Casa*, lançado pela Editora Criativo, da coleção Strip Book, coletânea de tirinhas que o desenhista criou inspirada na situação dos gatos que vivem nas ruas

de São Paulo, especificamente sobre os mais de 200 felinos que ganharam as páginas dos jornais, em 2008, quando tornaram-se problema sanitário e tiveram que ser recolhidos à uma ONG protetora de animais.

Inteligentemente, o cartunista desenhou em preto e branco, num belo alto contraste, gatos comentando sobre diversos temas sociais e políticos em voga. A série já havia marcado a trajetória do artista, quando foi tema de uma exposição na estação Vila Madalena do Metrô, em 2011.

A partir de 2019, passou a atuar como professor convidado da pós-Graduação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, na qual ministra, no curso Estudos Brasileiros (edu-

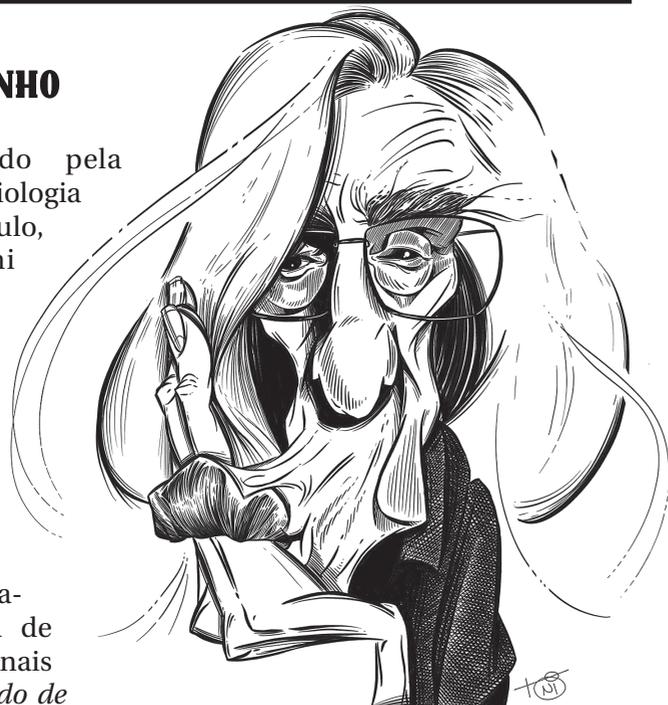
cação, sociedade e cultura), a disciplina Arte, Cultura e Identidade no Brasil.

Toni D'Agostinho é autor de ilustrações para diversas obras literárias, sendo que seus desenhos enriqueceram publicações das editoras Giotri, Abril, Escala, Moderna, entre outras, com títulos interessantes como *O Senhor Índice de Rouen*, de Marlise Corradi e Rodrigo Hees; *O Resgate do Jabuti Jurandir*, de Denise Dias; *A História da Menina Poesia*, de Priscilla Machado de Souza; *Bento e as Cores*, de Gilberto Geribola Moreno; *Que Ignorância*, de Tatiana Belink, e diversas outras obras, além



Damares Alves

Darcly Ribeiro



Ferreira Gullar



@TONIDAGOSTINHO

de ter ilustrado algumas capas da revista *Cult*. Durante os últimos quatro anos de um governo nada democrático no Brasil, o artista passou a postar nas suas redes sociais, com humor crítico e irônico, a ótima série intitulada “Café com Fascistas”, exibindo a sordidez dos cafonas denunciados pouco antes pela saudosa Fernanda Youg.

Para admirar e conhecer mais sobre as ideias e artes de Toni D'Agostinho, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode buscar pelo artista na Internet, no Instagram, no perfil @tonidagostinho; no Facebook, no endereço facebook.com/tonidagostinho; ou ainda no site acaricatura.com.br/.

Saúde e Arte!



Fernanda Young



O PRESIDENTE MANDOU FUZILAR ESQUERDISTAS.



TEREMOS PROBLEMAS COM A JUSTIÇA.

A JUSTIÇA TAMBÉM NÃO É À PROVA DE BALAS.



Aracy de Almeida

A dama da medicina

Com a posse na Academia Nacional de Medicina de uma das vozes mais importantes da ciência brasileira, a pneumologista e pesquisadora Margareth Dalcolmo é a quinta mulher na instituição e a 8ª na história da associação, que existe há quase 200 anos. Dalcolmo teve 69 dos 80 votos da



ANM, e passa a ocupar a cadeira que foi do médico pediatra Azor José de Lima, professor-emérito da UniRio, falecido em agosto de 2020.

A cerimônia de posse, que ocorreu na semana em que é comemorado o “Dia do Médico”, foi especialmente prestigiada, contando com a presença de várias personalidades, não só da medicina, como da arte e da cultura nacionais. Entre eles, o presidente da Academia Brasileira de Letras, Merval Pereira e os acadêmicos Arnaldo Niskier, Gilberto Gil e Fernanda Montenegro. O secretário de Estado da Saúde do Espírito Santo (estado natal de Dalcolmo), Nésio Fernandes destacou que a médica capixaba foi uma das mais importantes vozes no combate à desinformação durante o enfrentamento da grave pandemia de Covid-19 no Brasil: “A medicina se levantou durante a pandemia e médicos com grande decoro e responsabilidade defenderam, com autoridade, a medicina de ciência e consciência. Dalcolmo é exemplo máximo dessa expressão”, disse.

Exercendo um papel fundamental na fase da pandemia da Covid-19, Dra. Margareth evidenciou firmeza, empatia e compaixão, na mesma medida da eficiência e ética médica. Não esmoreceu na defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), da vacina, do cuidado responsável e da equidade, esclarecendo dúvidas e combatendo as *fake news*. Com uma linguagem acessível, levou conforto e esperança a milhões de lares brasileiros. Foi aclamada e aplaudida por sua luta incessante em prol da ciência.

Ela também é membro de outras entidades voltadas à ciência e saúde, como as sociedades brasileiras de Pneumologia e Tisiologia e de Infectologia, e o Grupo de Peritos para aprovação de medicamentos essenciais da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Academia Nacional de Medicina

Fundada no Rio de Janeiro sob o reinado do imperador Dom Pedro I, em 30 de junho de 1829, a ANM mudou de nome duas vezes, mas seu objetivo mantém-se inalterado: o de contribuir para o estudo, a discussão e o desenvolvimento das práticas da medicina, cirurgia, saúde pública e ciências afins, além de servir como órgão de consulta do Governo brasileiro sobre questões de saúde e de educação médica.

Desde a sua fundação, seus membros se reúnem toda quinta-feira, às 18 horas, para discutir assuntos médicos da atualidade, numa sessão aberta ao público. Esta reunião faz da Academia Nacional de Medicina a mais antiga e única entidade científica dedicada à saúde a reunir-se regular e ininterruptamente por tanto tempo. A Academia também promove congressos nacionais e internacionais, cursos de extensão e atualização e, anualmente, durante a sessão de aniversário, distribui prêmios para médicos e pesquisadores não pertencentes aos seus quadros.



As grandes damas Fernanda Montenegro e Margareth Dalcolmo.



Os Acadêmicos Paulo Niemeyer Filho, da ABL, e a Dra. Margareth Dalcolmo, da ABM.



O acadêmico Arnaldo Niskier e a esposa, Ruth, cumprimentam a Dra. Margareth Dalcolmo.



Dra. Margareth Dalcolmo e a desembargadora Andréa Pachá.



O acadêmico Gilberto Gil e a mulher Flora brindando a Dra. Margareth Dalcolmo.

Natal, em 50 palavras

Por Antônio Valdemar*

A narrativa de Teixeira Gomes a propósito de uma ceia de pescadores, dentro de um barco, no Algarve, convoca a memória dos que partiram e já não voltam mais e a presença dos que se encontravam longe e deviam estar perto.

Manuel Teixeira Gomes – Reprodução



O Natal, em todos os países do mundo onde é celebrado, constitui um tema interminável. Quantas antologias recolheram textos de poetas, escritores e dramaturgos que, ao longo dos séculos, se pronunciaram acerca de todas as motivações do Natal? Mas em nenhuma antologia de língua portuguesa existe a breve evocação de Manuel Teixeira Gomes (1860 – 1941), que só com as palavras necessárias construiu o cenário para libertar os sentimentos mais profundos que emergem, nesta quadra do ano.

A presença literária de Teixeira Gomes ficou, muitas vezes, ofuscada pela militância partidária para a implantação da República (1910); o desempenho da carreira diplomática, (1911-1923), no período trágico da 1ª Guerra Mundial, à frente da embaixada de Portugal em Londres e, entre 1923 a 1925, o exercício repleto de conflitos nacionais e internacionais da Presidência da República. Enquanto Chefe de Estado, enfrentou crises partidárias e militares que desencadearam sucessivas quedas e substituições de governos. Procurou a reconciliação da classe política e das Forças Armadas. Perante o impasse, a agitação e a insegurança, no dia 10 de Dezembro de 1925, apresentou a demissão. Meses depois, o Exército implantava a ditadura militar e entregou, depois, o poder a Salazar para outra ditadura. O regime durou quase meio século. Até ao 25 de Abril de 1974.

Triste, amargurado, desiludido, Teixeira Gomes, (proprietário abastado e lavrador rural do Algarve) resolveu, então, viajar de país em país. Foi o que chamou a *grande Primavera da Liberdade*. Transformado

num cidadão anônimo, avançou para o Mediterrâneo. Apetecia-lhe voltar aos museus, às catedrais, aos palácios, aos jardins. Ver e rever, sem pressa, monumentos e paisagens. Usufruir os acasos do espetáculo humano das ruas. A curiosidade insaciável associada à energia física levaram-no, finalmente, à aventura da descoberta do Norte de África. Fazia “*cerca de dez quilômetros de marcha diária, caminhadas sem fim até ao salutar cansaço que prepara os sonos profundos de onde se ressurgem mais rijo e satisfeito*”. Mas, ao acentuar-se o envelhecimento, mudou, por completo, a vida que levava ao ar livre para – é melhor citá-lo – continuar “*saudável, próspero e feliz como um deus que regressou do Olimpo*”.

A reta final decorreu em Bougie, atualmente Bejaia. Escolheu o pequeno *Hotel l'Etoile*, que possuía o conforto indispensável. O quarto tinha (e tem) o número 13 e uma janela para o mar. A vista abrange a cordilheira de Kabila, sempre coberta de neve. Passou a consagrar-se, a tempo inteiro, à escrita. Com uma disciplina diária, de 1931 a 1941, entre os 70 e os 80 anos, na idade em que todos acabam, retomou a criação literária. Colaborava em jornais e revistas de oposição à ditadura. Reeditava livros que lhe deram renome intelectual. Publicava novos livros que tiveram o maior êxito, provocaram surpresa e causaram escândalo literário e político: *Maria Adelaide* e *Novelas Eróticas*. Permanecia na íntegra o homem rebelde, insatisfeito, frontal, aberto ao mundo, “com todos os sentidos despertados” – assim se definiu – “para glorificar o esplendor da luz e para divinizar quantas maravilhas ela nos revela, desde o cristal das fontes, que fecundam a terra sequiosa, até ao corpo humano, carne ambulante e sensual, onde se encerra e se propaga a essência da razão e do amor”. Ambos os livros foram condenados pela Igreja, proibidos pela Censura e confiscados pela polícia de Salazar.

Teixeira Gomes, no último livro, com o título simbólico *Regressos*, reuniu textos acerca das muitas viagens que fizera para descobrir Portugal. Conhecer as terras e os tesouros que as colocaram no mapa e onde, também, exalta a língua portuguesa e a sua projeção no Brasil. Em todas as circunstâncias é um livro notável. Tal como referiu: “*tento agora escrever e provavelmente nunca terminarei este livro*.” São as impressões – esclareceu – “*mais remotas da mocidade (ou as primeiras impressões de paisagens e monumentos revistos pela vida fora), colhidas no meu país, e lembradas longe dele, não podia deixar de incluir algumas páginas consagradas à minha terra natal. Como ali faltam os monumentos, diligenciarei evocá-la em paisagens*”.

É o caso do pequeno grande texto que transcrevemos na íntegra: “*Natal: noite de levante frígido, anavalhado. Sobre a ponte. A lua espelha-se na água com um verde pálido, cuja vista dá acidez ao vento. O rio, em Ferragudo e na pequena enseada do Convento, coalhado de caíques arribados, que ardem todos com as chamas levantadas sobre o convés pelas “campanhas” que preparam a ceia. Céu desmaiado, sem estrelas, com o luar a escorrer como um líquido sobre vidro (...)*”

Só isto. Um barco na enseada e os pescadores que foram parar ao Algarve, a acenderem o lume para a ceia. Teixeira Gomes recordava o que vira, próximo da sua casa em Portimão, entre o rio e o mar, entre o Arade e Atlântico que já é quase Mediterrâneo. Deixara o resto para a imaginação de qualquer um de nós. Tudo coube em muito poucas palavras. Os pescadores não esqueciam naufrágios e outras fatalidades no alto mar e, sobretudo, a família em casa, em redor da mesa da consoada.

Era o diálogo entre todos os que passaram pelas suas vidas. Falavam uns com os outros. Ou recolhiam-se em silêncios. Uns breves. Outros prolongados e sufocantes. Surgiam os que partiram e já não voltam mais. E os que se encontravam longe e deviam estar perto. Os mortos e os vivos. As horas tristes e as horas alegres. Bastou dizer que era noite. E dizer apenas que também era Natal.

*Antônio Valdemar é jornalista, investigador, sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (cadeira número 3)

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Trabalho a favor do Brasil.

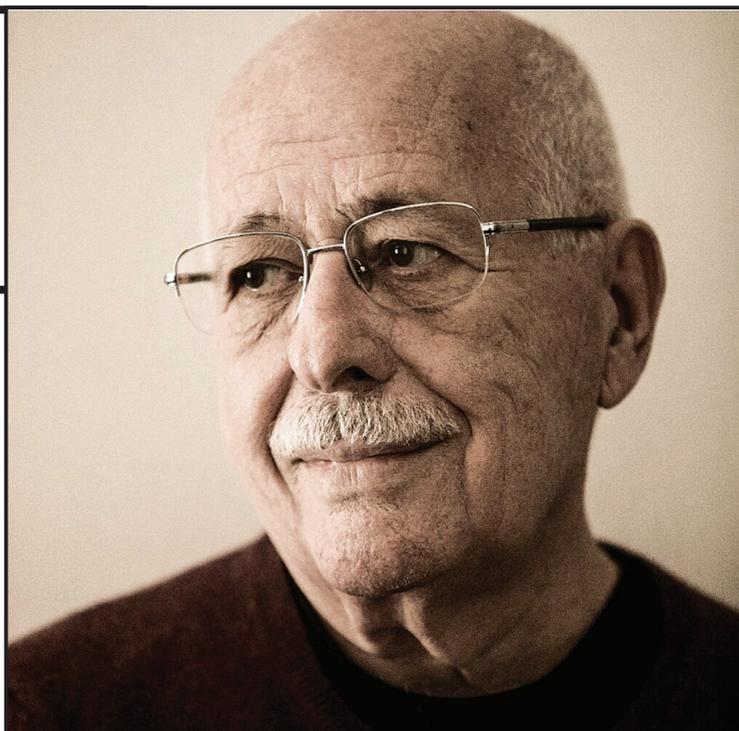
Silviano Santiago vence o Camões

O ensaísta e poeta mineiro Silviano Santiago, aos 86 anos, venceu o Prêmio Camões 2022, um dos maiores reconhecimentos da literatura em língua portuguesa. A 34ª edição do prêmio, organizado pelos governos de Portugal e do Brasil, dará ao vencedor 100 mil euros. O júri responsável pela escolha é formado por representantes do Brasil, de Portugal e de países africanos de língua oficial portuguesa.

Antes do Camões, o ocupante da cadeira 13 da Academia Mineira de Letras venceu seis vezes o prêmio Jabuti e recebeu o prêmio *Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras, além de ser premiado com o *José Donoso*, do Chile.

Com a escolha, ele se tornou o 14º brasileiro a fazer parte de um seleto grupo de grandes nomes como Jorge Amado (1994) e os portugueses José Saramago (1995) e António Lobo Antunes (2007), entre outros. O último vencedor do país foi o cantor Chico Buarque, em 2019.

Nascido em Formiga (MG), em 1936, o romancista, ensaísta, poeta e um dos maiores críticos literários do Brasil tem mais de trinta obras publicadas. Iniciou sua carreira em 1954, fazendo críticas para uma revista de cinema. Bacharel em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutorou-se em Letras francesas pela Universidade de Paris (Sorbonne), em 1968, com tese sobre “Os moedeiros falsos”,



Silviano Santiago

de André Gide. Recebeu o Prêmio Jabuti em 2017 e o Prêmio Oceanos, em 2015.

Entre seus principais livros, destacam-se os romances *Stella Manhattan*, *Em Liberdade* e *Machado*. Em seu livro mais recente, *Menino sem Passado*, o autor relembra a infância no interior de Minas Gerais, em uma narrativa contundente.

O escritor destaca o impacto da leitura na vida das pessoas: “A literatura é extraordinária porque é pluridisciplinar”, afirma. “Desde que seja um leitor motivado, que consiga dar sentido aos livros lidos, você passa a ter uma visão e um conhecimento

de mundo extremamente ricos.”

Segundo o júri do Prêmio Camões, “Silviano Santiago é um pensador capaz de uma intervenção cívica e cultural de grande relevância, com um contributo notável para a projeção da língua portuguesa como língua do pensamento crítico, no Brasil e fora dele.”

Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Chile (2013) e pela Universidade Tres de Febrero, de Buenos Aires (2014), o premiado escritor vive, atualmente, no Rio de Janeiro.

Moqueca, a marca do capixabismo

Por Manoel Goes*

A experiência de saborear uma moqueca de peixe capixaba bem preparada, com todos os temperos que aguçam o nosso paladar, é marcante. De acordo com os historiadores, a moqueca é de origem indígena antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil. A palavra moqueca é derivada do tupi “pokeka”, que significa “enrolado”, onde usavam o peixe enrolado em folhas, e assados em um tipo de forno “moquém”. Assim como outros pratos da gastronomia capixaba, passou por uma intensa mistura de culturas: colonizadores europeus, indígenas e africanos. Essa miscigenação de tradições encontrou a tradição pesqueira, fazendo nascer pratos únicos, saborosos e cheios de histórias.

“Peixe em postas, cebola e tomate picados, suco de limão, azeite, óleo, sal, colorau (urucum), pimenta e coentro a gosto. Tudo arrumado em uma panela de barro, deixe cozinhar por 25 minutos e se faz a ‘alquimia’. Acompanha arroz branco e pirão” – receita tradicional da verdadeira moqueca capixaba.

A moqueca capixaba é um prato riquíssimo de sabores, aromas e tradições. Destaque da gastronomia capixaba. Servida nos principais restaurantes do estado do Espírito Santo, e que atrai turistas de todo o Brasil e até de fora, interessados em degustar esse verdadeiro símbolo da nossa culinária, marca do *capixabismo*. Capixabismo é cultuar o Espírito Santo, é defender a nossa cultura, os nossos costumes, nossas gírias, nossa culinária. E a moqueca, não seria capixaba, sem a tradicional panela de barro. Ofício realizado até hoje pelas panelai-

ras de Goiabeiras. A panela de barro também já é reconhecida como Patrimônio Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

O capixaba não resiste a uma boa moqueca, preparada na tradicional panela de barro. O prato, que é motivo de orgulho para o nosso povo, ganhou até uma data especial no calendário, para não passar em branco. Instituído por lei estadual em 2003 como comida típica do estado e, em 2012, por lei municipal, que inclui este dia no calendário municipal como o “*Dia da Moqueca Capixaba*”, completados 10 anos no último 30 de setembro, o que não deixa de ser mais um bom motivo para lembrarmos um pouco mais sobre as origens dessa delícia que tanto apreciamos. A data escolhida (30/09) homenageia o dia do aniversário do mestre, jornalista e escritor Cacau Monjardim, um grande capixaba, e que imortalizou uma citação sua conhecida em todo o país: “*Moqueca é capixaba, o resto é peixada.*” E afirma ainda: “*panela de barro tem que ser as das paneleiras de Goiabeiras, as outras são ‘tralhas de cozinhar.*”

*Manoel Goes é gestor cultural, escritor e diretor no IHGES.



Cacau Monjardim – Foto reprodução.

Mendoza e seus vinhos

Por José Carlos Gentili*

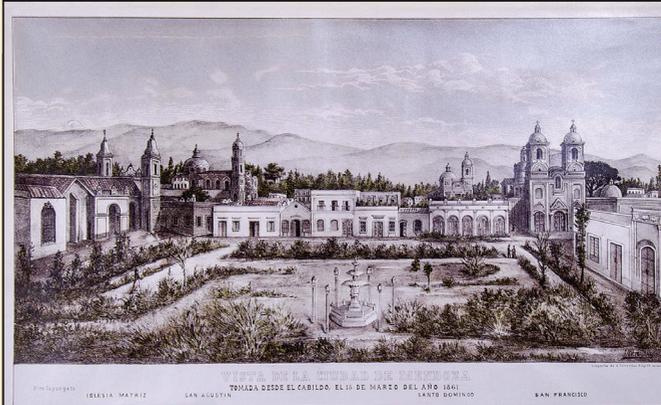


Acadêmicos Iran de Lima, Evaldo Feitosa, Murilo Moreira Veras, Tarcízio Dinoá Medeiros, José Carlos Gentili, Marco Coiatelli, Sérgio Couri, Romildo Teixeira de Azevedo e Francisco Catunda Martins, membros da Academia de Letras de Brasília. (Mendoza-Argentina).

Alguns anos atrás, a convite do diplomata Sérgio Couri, do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), honrado embaixador brasileiro, à época Cônsul Plenipotenciário do Brasil em Mendoza, na Argentina, a Academia de Letras de Brasília desenvolveu pioneiro e internacional encontro lítero-cultural.

Notável reunião a integrar escritores do Brasil e da Argentina, a interagir literatos da terra “mendocina”, nas faldas dos Andes, e homens das letras da Capital Federal, da hinterlândia brasileira.

Assim, se realizou o evento – *Primer Encuentro de Escritores de Mendoza y Brasília* –, antecipando-se a Academia de Letras de Brasília em oferecer aos “herma-



Antiga Universidad de Cuyo, em Mendoza.

nos” uma publicação bilíngue, contendo registros literários de cada um acerca do evento, independentemente das palestras e temas a serem desenvolvidos, livro denominado *Panamericanismo Literário*.

Um verdadeiro agradecimento às boas-vindas!

É importante salientar que despesas de hotelaria, deslocamentos aéreos de Brasília para Buenos Aires e, depois, para Mendoza, além da alimentação, que ocorreram exclusivamente à conta dos participantes brasileiros, sem nenhum ônus para o Poder Público.

Durante o desenrolar da estada, a ACLEB condecorou a ministra da Cultura da Província de Mendoza, doutora Marizuel Ibañez, entregando-lhe a Medalha Cultural E. Almeida Vitor, ocasião na qual o embaixador Sérgio Couri proferiu brilhante saudação, em espanhol.

Homenageado, também, foi o reitor da Universidad de Cuyo, doutor Arturo Roberto Somoza, com a outorga da Medalha dos 30 Anos da ACLEB, oportunidade na qual a Reitoria deste importante centro universitário recepcionou os escritores, oferecendo lauto almoço de confraternização.

O inolvidável encontro literário permitiu o conhecimento de locais históricos e civilizatórios na passagem andina do Aconcágua, a divisar Chile e Argentina, terra nativa dos mapuches, que os invasores chamavam de araucanos.

Mendoza e suas vindimas produtoras do vinho Malbec transformaram a região num dos mais importantes centros de enologia e produção vinífera do mundo, razão pela qual os acadêmicos tiveram o privilégio da degustação em várias estâncias.

Sem dúvida um encontro literário da maior importância nos pagos de Jorge Luís Borges, extraordinário escritor argentino, autor de obra referencial – *Aleph*, a guindá-lo ao patamar maior da literatura mundial.

Dele é este refrão: “A esperança é o mais sórdido dos sentimentos.”

*José Carlos Gentili é membro da Academia de Letras de Brasília.

Toda teoRIA tem um LaDO PRático. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- WORKSHOPS E PALESTRAS
- CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

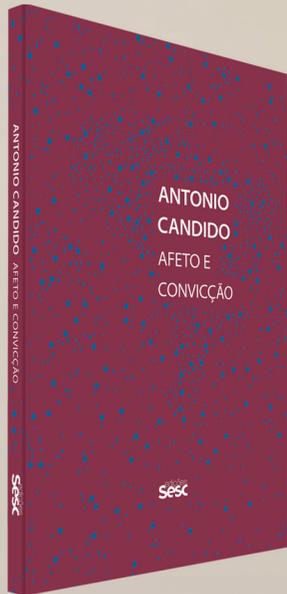
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



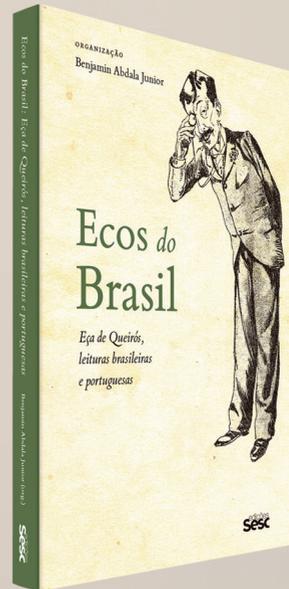
Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



PAIXÃO PELA LEITURA

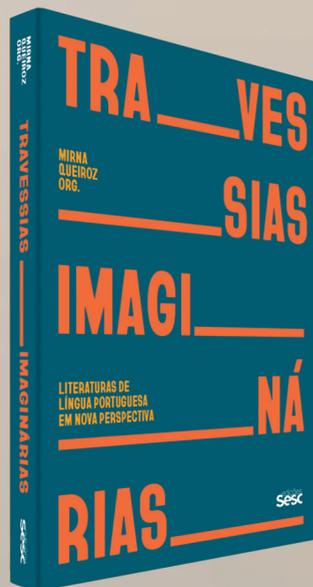


ANTONIO CANDIDO
afeto e convicção
Vários autores

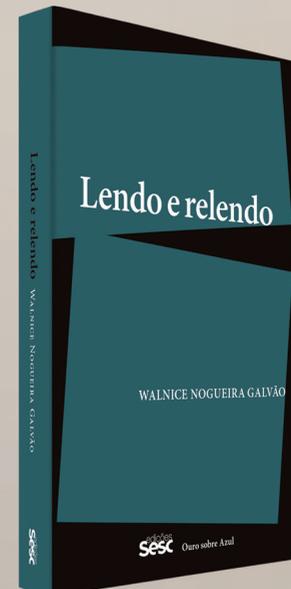


ECOS DO BRASIL
Eça de Queirós,
leituras brasileiras e
portuguesas
Benjamin Abdala
Junior

**TRAVESSIAS
IMAGINÁRIAS**
literaturas de língua
portuguesa em nova
perspectiva
Mirna Queiroz (org.)



**LENDO E
RELENDO**
Walnice
Nogueira
Galvão



**REFLEXÃO COMO
RESISTÊNCIA**
homenagem
a Alfredo Bosi
Augusto Massi, Erwin
Torrvalho Gimenez, Marcus
Vinicius Mazzari e Murilo
Marcondes De Moura (org.)
Edições Sesc São Paulo |
Companhia das Letras



**O LEITOR COMO
METÁFORA**
o viajante,
a torre e a traça
Alberto Manguel